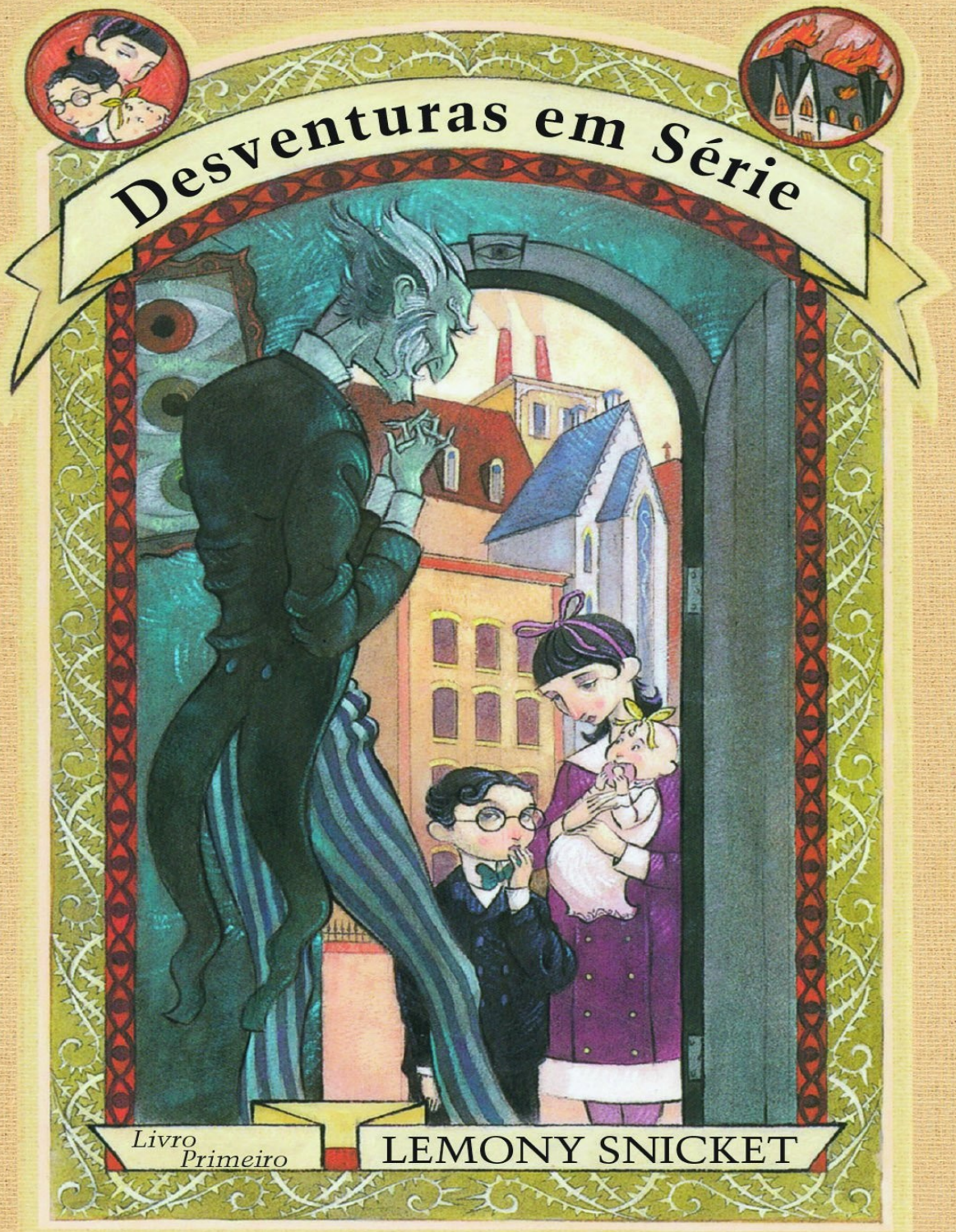


MAU COMEÇO

SEGUINTE

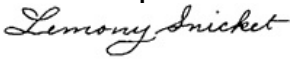
Caro Leitor,

Se você esperava encontrar uma história tranquila e alegre, lamento dizer que escolheu o livro errado. A história pode parecer animadora no início, quando os meninos Baudelaire passam o tempo em companhia de alguns répteis interessantes e de um tio alto-astral, mas não se deixem enganar. Se vocês tem uma leve noção da incrível má sorte dos irmãos Baudelaire, já sabe que, no caso deles, até mesmo acontecimentos agradáveis acabam sempre em sofrimento e desgraça.

Nas páginas que você tem em mãos, as três crianças sofrem um acidente de carro, veem-se às voltas com uma serpente mortífera, um cheiro pavoroso, um facão enorme e o reaparecimento de uma pessoa que esperavam nunca mais ver.

Infelizmente, é meu dever pôr no papel esses trágicos episódios. Mas nada impede que você coloque este livro de volta na estante e procure algo mais leve.

Respeitosamente,



Lemony Snicket

Personagens

Na classificação das pessoas mais infelizes do mundo — e você sabe que elas não são poucas — os irmãos Baudelaire ocupam sem dúvida o primeiro lugar. Eles viveram mais coisas horríveis que qualquer pessoa. Mas quem são esses desafortunados?



VIOLET BAUDELAIRE tem catorze anos e é uma das maiores inventoras do seu tempo. As engrenagens e alavancas de seu cérebro funcionam a todo o vapor.



KLAUS BAUDELAIRE, O irmão do meio, usa óculos, o que pode dar a impressão de que seja amante dos livros. Impressão absolutamente correta. Ele emprega todo o seu conhecimento em decifrar os planos do pérfido conde Olaf.



SUNNY BAUDELAIRE, a mais nova dos três, é ainda um bebê. Seus quatro afiados dentes entram em ação na primeira oportunidade.

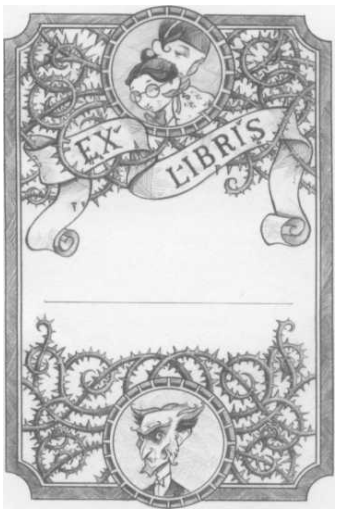


E este é o arquiinimigo dos irmãos Baudelaire: o **CONDE OLAF**. Homem revoltante, gosmento, pérfido, sobre ele é melhor dizer o menos possível.

Eu, **Lemony Snicket**, nasci antes de você e provavelmente morrerei antes de você. Nasci numa pequena vila que hoje está submersa. Um povoado aparentemente pacato, mas cercado de segredos. Hoje vivo na cidade. Para escrever essas desventuras dos irmãos Baudelaire fui obrigado a conhecer a fundo as artimanhas de vilões como o conde Olaf. Passei anos mergulhado no mundo do crime, não dos crimes reais, é claro. Minha formação é estritamente teórica.

Veja mais informações no meu site: www.lemonysnicket.com (em inglês).

Meu ilustrador, **Brett Helquist,** nasceu no Arizona, cresceu em Utah e atualmente vive em Nova York. Formou-se em belas-artes na Brigham Young University e desde então trabalha como ilustrador. Colabora em diversas publicações, como *Cricket Magazine* e *The New York Times.*


EX
LIBRIS

⚜ Desventuras em Série ⚜

Livro primeiro *Mau começo*
Livro segundo *A Sala dos Répteis*
Livro terceiro *O lago das sanguessugas*
Livro quarto *Serraria Baixo-Astral*
Livro quinto *Inferno no colégio interno*
Livro sexto *O elevador ersatz*
Livro sétimo *A Cidade Sinistra dos Corvos*
Livro oitavo *O hospital hostil*
Livro nono *O espetáculo carnívoro*
Livro décimo *O escorregador de gelo*
Livro undécimo *A Gruta Gorgônea*
Livro duodécimo *O Penúltimo Perigo*
Livro tredécimo *O Fim*

Desventuras em Série

LIVRO Primeiro



MAU COMEÇO

de LEMONY SNICKET
Ilustrações de Brett Helquist
Tradução de Carlos Sussekind

1999 by Lemony Snicket

1999 Ilustrações by Brett Helquist

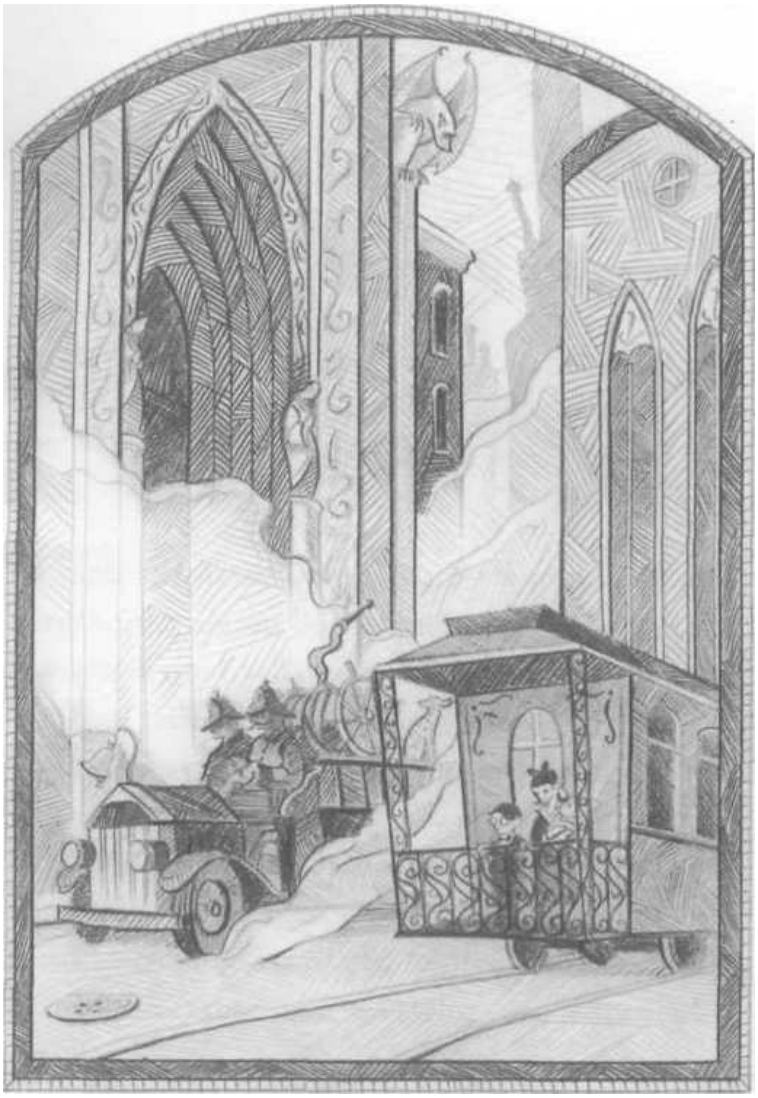
Publicado mediante acordo com HarperCollins Children’s Books, divisão da HarperCollins Publishers, Inc.

Título original: *The Reptile Room*

Preparação: *Cristina Yamazaki*

Revisão: *Carmen S. da Costa Claudia Cantarin*

Para Beatrice —
querida, adorada, morta



CAPÍTULO UM

Se vocês se interessam por histórias com final feliz, é melhor ler algum outro livro. Vou avisando, porque este é um livro que não tem de jeito nenhum um final feliz, como também não tem de jeito nenhum um começo feliz, e em que os acontecimentos felizes no miolo da história são pouquíssimos. E isso porque momentos felizes não são o que mais encontramos na vida dos três jovens Baudelaire[1] cuja história está aqui contada. Violet, Klaus e Sunny Baudelaire eram crianças inteligentes, encantadoras e desembaraçadas, com feições bonitas, mas com uma falta de sorte fora do comum, que atraía toda espécie de infortúnio, sofrimento e desespero: Lamento ter que dizer isso a vocês, mas o enredo é assim, fazer o quê?

A infelicidade deles começou certo dia na Praia de Sal. Os três Baudelaire

filhos moravam com seus pais numa enorme mansão no centro de uma cidade muito movimentada e muito poluída, e vez por outra os pais permitiam que pegassem sozinhos um bonde um tanto precário - a palavra precário, que vocês provavelmente conhecem, está sendo usada aqui com o sentido de "inseguro" - até a praia, a fim de passarem o dia como se estivessem em férias, contanto que voltassem antes da hora do jantar. Nessa manhã de que estamos falando, o dia se mostrava cinzento e nublado, o que não importava nem um pouco aos jovens Baudelaire. Quando fazia sol e calor, a Praia de Sal se enchia de turistas, e era impossível encontrar um bom lugar para estender a esteira. Nos dias cinzentos e nublados, os Baudelaire tinham a praia à sua disposição para fazer o que bem entendessem.

Violet Baudelaire, a mais velha dos três, gostava de atirar pedras bem longe para vê-las deslizar na superfície do mar antes de afundarem. Como a maioria dos jovens de catorze anos, era destra – ou seja, estava acostumada a usar a mão direita, ao contrário dos canhotos - de modo que as pedras deslizavam mais tempo e avançavam mais longe nas águas turvas quando a mão com que as arremessava era a direita e não a esquerda. Enquanto atirava as pedras, tinha os olhos postos no horizonte e o pensamento absorvido numa invenção que desejava montar. Quem conhecesse bem Violet logo perceberia que ela estava firmemente concentrada em suas reflexões, porque havia amarrado os cabelos com uma fita para afastá-los dos olhos. Violet tinha uma forte inclinação para inventar e montar aparelhos estranhos, por isso o seu cérebro volta e meia se via tomado por imagens de roldanas, alavancas e engrenagens, e ela fazia questão de nessas horas não ser distraída por algo tão banal como seus cabelos.

Nessa manhã ela estava pensando em como construir um aparelho que permitisse recuperar as pedras depois de serem atiradas no mar. Klaus Baudelaire, o irmão do meio, e o único menino, gostava de examinar os seres minúsculos que pululavam nas piscininhas formadas à beira d'água. Klaus tinha pouco mais que doze anos e usava óculos, o que lhe dava um ar inteligente. E ele era inteligente. Os Baudelaire pais possuíam uma enorme biblioteca em sua mansão, uma sala com milhares de livros sobre todos os assuntos imagináveis. Aos doze anos, é claro que Klaus não poderia ter lido todos os livros da biblioteca dos Baudelaire, mas lera uma porção deles, e era impressionante como retinha na memória a quantidade de informações assim obtidas. Sabia distinguir perfeitamente o aligátor, crocodilo do Mississipi, dos crocodilos de outras partes do mundo. Sabia o nome de quem matou Júlio César. E sabia milhões de coisas sobre as esquivas criaturinhas de beira-mar encontradas na Praia de Sal que atraíam naquele momento sua atenção. Sunny Baudelaire, a mais nova da trinca, gostava de morder coisas. Era ainda quase um bebê e muito pequena para sua idade, pouco maior que uma bota. A pouca altura era compensada, no entanto, pelos quatro dentes bem grandes e afiados. Sunny estava numa idade em que a maior parte do tempo a criança fala por uma série de gritos ininteligíveis. A não ser quando ela usava as

poucas palavras de verdade que constavam de seu vocabulário, como mamã, mamá e dá!, a maioria das pessoas tinha dificuldade para entender o que Sunny estava dizendo. Por exemplo, nessa manhã ela disse "Gá!" muitas e muitas vezes, o que provavelmente era para se entender como:

"Vejam só essa figura misteriosa surgindo do nevoeiro!"

De fato, ao longe, em meio à névoa que pairava sobre todo o recorte da Praia de Sal, podia-se ver um vulto alto que caminhava na direção dos Baudelaire filhos. Sunny já vinha olhando e gritando para o vulto havia algum tempo quando Klaus ergueu os olhos acima do caranguejo que examinava e também notou a figura. Voltou-se para Violet e a puxou pelo braço, tirando-a de seus pensamentos de inventora.

"Veja", disse Klaus, e apontou para o vulto. Como este estivesse chegando mais perto, as crianças puderam enxergar alguns detalhes. Tinha o tamanho mais ou menos de um adulto, a não ser pela cabeça, que era desproporcionadamente alta e meio quadrada.

"O que você acha que pode ser?, perguntou Violet.

"Não sei", disse Klaus, e com olhos semicerrados acompanhou disfarçadamente a aproximação da criatura, "mas parece que está vindo na nossa direção."

"Estamos sozinhos na praia", disse Violet, um pouco nervosa. "Não há ninguém mais de quem possa estar querendo se aproximar." Sentiu em sua mão esquerda o contato da pedra lisa ali aninhada, que pretendera atirar e fazer deslizar nas águas o mais longe possível. Teve um ímpeto de atirar a pedra na criatura, tão assustadora esta lhe parecia.

"É só a aparência que é assustadora", disse Klaus, como se estivesse lendo os pensamentos da irmã, "por causa desse nevoeiro todo." Verdade. Quando a figura chegou onde estavam, as crianças viram com alívio que não era ninguém que lhes causasse medo, e sim uma pessoa que eles conheciam: o sr. Poe. O sr. Poe era um amigo do sr. e da sra. Baudelaire que as crianças haviam encontrado em muitos jantares festivos. Uma das coisas que Violet, Klaus e Sunny realmente apreciavam em seus pais era que não excluíam os filhos quando recebiam para jantar, deixando que eles sentassem à mesa com os adultos e participassem das conversas contanto que ajudassem depois a tirar os pratos e travessas. Os meninos se lembravam do sr. Poe porque ele estava sempre resfriado e constantemente se desculpava de se retirar da mesa a fim de ter um acesso de tosse na sala ao lado. O sr. Poe tirou a cartola, que havia feito sua cabeça exageradamente alta e quadrada em meio à névoa, e por um momento ficou parado diante deles, tossindo com estrondo dentro de um lenço branco. Violet e Klaus avançaram para lhe estender a mão e cumprimentá-lo.

"Como vai o senhor?", disse Violet. "Como vai o senhor?", disse Klaus. "

“Omoá”, disse Sunny.

“Vou bem, obrigado”, disse o sr. Poe, mas parecia muito triste. Por alguns instantes ninguém disse nada, e os meninos ficaram imaginando o que o sr. Poe poderia estar fazendo na Praia de Sal quando deveria estar no banco, no centro da cidade, onde trabalhava. Não estava com roupas de ir à praia.

“Está um lindo dia”, disse Violet finalmente, puxando conversa. Sunny fez um barulho que soava como a voz de uma ave enfurecida, e Klaus a pegou no colo.

“Sim, está um lindo dia”, disse o sr. Poe com ar meio distraído, olhando para a praia vazia. “Lamento, mas tenho más notícias para vocês, crianças.” Os três irmãos Baudelaire olharam para ele. Violet, um pouco envergonhada, sentiu o contato da pedra em sua mão esquerda e deu graças a Deus por não a ter atirado no sr. Poe.

“Seus pais”, disse o sr. Poe, “faleceram num terrível incêndio.” Os meninos não disseram nada.

“Eles faleceram”, disse o sr. Poe, “num incêndio que destruiu a casa toda. Lamento muito, muitíssimo, ter que contar isso para vocês, meus queridos.” Violet desviou os olhos, que estavam fixos no sr. Poe, e os deslocou para longe no mar. O sr. Poe nunca antes havia chamado os Baudelaire filhos de “meus queridos”. Ela entendeu as palavras que ele estava dizendo, mas achou que devia ser brincadeira, uma horrível brincadeira que ele resolvera fazer com ela, o irmão e a irmã.

“Faleceram”, disse o sr. Poe:, “significa foram mortos.”

“Nós sabemos o que significa a palavra faleceram”, disse Klaus, com irritação. Com efeito, ele sabia o que a palavra faleceram significava, mas continuava tendo dificuldade para entender exatamente o que o sr. Poe tinha dito. A impressão que teve foi que o sr. Poe de algum modo havia se expressado mal.

“Os bombeiros vieram, é claro”, disse o sr. Poe,”mas chegaram tarde demais. A casa inteira foi devorada pelo fogo. Não sobrou nada.”

Klaus viu na imaginação todos os livros da biblioteca pegando fogo. Agora nunca mais poderia lê-los todos.

O sr. Poe tossiu várias vezes no seu lenço antes de prosseguir. “Fui mandado com o objetivo de vir buscá-los aqui e levá-los para minha casa, onde vocês ficarão algum tempo enquanto estudamos a situação. Sou o executor testamentário da herança de seus pais. Isso significa que estarei lidando com a enorme fortuna deles e resolvendo para onde vocês vão. Quando Violet atingir a maioridade, a fortuna será de vocês, mas até que isso aconteça, os bens estarão sob os cuidados do banco.” Quando ele disse a palavra executor, Violet entendeu que o sr. Poe era o carrasco que chegava para decidir sobre o seu futuro e o de seus irmãos. Simplesmente veio

andando pela praia em sua direção e mudou a vida deles para sempre.

"Venham comigo", disse o sr. Poe, e estendeu sua mão. Para pegá-la, Violet teve que jogar fora a pedra que estava segurando. Klaus pegou a outra mão de Violet, Sunny pegou a outra mão de Klaus, e desse modo os três Baudelaire filhos - agora Baudelaire órfãos - foram retirados da praia e da vida que levavam antes.



CAPÍTULO DOIS

Não adianta tentar transmitir como foi duro para os sentimentos de Violet, Klaus e Sunny o período que se seguiu em sua vida. Se alguma vez vocês perderam uma pessoa que tinha grande importância para vocês, então sabem como é que nos sentimos nessas horas, e, se nunca perderam, não dá nem para imaginar. Para os jovens Baudelaire, é claro, foi uma experiência especialmente terrível, porque perderam pai e mãe de uma só vez, e durante muitos e muitos dias se sentiram tão arrasados que mal tinham ânimo para sair da cama. Klaus não conseguia achar interesse nos livros. Os mecanismos que punham em ação o cérebro inventivo de Violet pareciam estar travados. E até mesmo Sunny, que evidentemente era jovem demais para entender de fato o que estava acontecendo, dava suas mordidas com menos entusiasmo.

Naturalmente, não melhorou nada a situação o fato de eles terem ficado também sem a casa e sem tudo o que possuíam. Vocês devem saber muito bem que basta estarmos em nosso próprio quarto, em nossa própria cama, para os momentos mais horríveis perderem um pouquinho do seu peso esmagador. Mas as camas dos Baudelaire órfãos haviam sido reduzidas a escombros carbonizados. O sr. Poe os levara para dar uma olhada no que restava da mansão, para ver se sobrara algo que se pudesse aproveitar, e a impressão foi terrível: o microscópio de Violet se fundira por completo no calor do fogo. A caneta preferida de Klaus estava transformada em cinzas, e todas as argolas de Sunny pôr na boca para morder tinham se derretido. Num e noutro canto, as crianças podiam notar os vestígios do que outrora fora o casarão tão amado por elas: pedaços do seu piano de cauda, uma elegante garrafa em que o sr. Baudelaire guardava o conhaque, o estofamento esturricado da poltrona que ficava junto à janela e em que a mãe deles gostava de sentar e ler.

Com seu lar destruído, os Baudelaire tiveram que se recuperar da terrível perda transferindo-se para a casa da família Poe, cujo ambiente não era agradável. O sr. Poe raras vezes estava em casa, porque ficava muito ocupado cuidando dos interesses dos Baudelaire, e quando estava, tossia tanto que mal conseguia manter uma conversa. A sra. Poe comprou para os órfãos roupas em cores grotescas e que pinicavam o corpo. E os dois filhos de Poe - Edgar e Alberto - eram meninos barulhentos, agitados, muito antipáticos, com quem os Baudelaire tiveram que partilhar um quarto minúsculo em que predominava um cheiro de flor dos mais enjoativos.

Mas, apesar desse ambiente pouco convidativo, os jovens Baudelaire afundaram em dúvidas quando, durante um jantar de galinha cozida com batatas cozidas e vagem escaldada - a palavra escaldada que estou usando aqui significa “cozida” -, o sr. Poe avisou que no dia seguinte eles se mudariam de sua casa.

“Ainda bem”, disse Alberto, com um pedaço de batata entre os dentes. “Assim recuperamos o quarto. Não aguento mais dividir o espaço. Violet e Klaus passam o tempo todo sem fazer nada, e não têm a menor graça.”

“E o bebê morde”, disse Edgar, jogando um osso de galinha no chão como se ele fosse um bicho no Jardim zoológico e não o filho de um respeitável membro da comunidade financeira.

“Para onde iremos?”, perguntou Violet, nervosa.

O sr. Poe abriu a boca para dizer algo, mas rompeu num breve acesso de tosse.

“Tomei providências” disse finalmente, “para que sejam criados por um parente afastado de vocês que mora no outro lado da cidade. Chama-se conde Olaf.” Violet, Klaus e Sunny se entreolharam, sem saber o que pensar. Por um lado, eles não queriam continuar morando com os Poe. Por outro, nunca

tinham ouvido falar no conde Olaf e não faziam ideia de como ele pudesse ser.

"O testamento de seus pais", disse o sr. Poe, "estabelece que vocês sejam criados nas melhores condições possíveis. Vocês já se acostumaram a morar na cidade, e esse conde Olaf é o único parente que vive dentro dos limites urbanos." Klaus refletiu um minuto sobre o assunto, enquanto mastigava longamente um pedaço de vagem que estava custando a engolir. "Mas nossos pais nunca mencionaram para nós o conde Olaf. Qual é exatamente o grau de parentesco que ele tem conosco?" O sr. Poe suspirou e baixou os olhos na direção de Sunny, que mordia um garfo e escutava, atenta. "Ele é primo em terceiro ou quarto grau de vocês. Não é o seu parente mais próximo na árvore genealógica, mas é o mais próximo geograficamente. É por isso que...

"Se ele mora na cidade", disse Violet, "como é que nossos pais nunca o convidaram para ir lá em casa?"

"Talvez por ele estar sempre muito ocupado", disse o sr. Poe. "É um ator profissional, e viaja muito pelo mundo com as mais diversas companhias teatrais."

"Pensei que ele fosse um conde", disse Klaus.

"Ele é um conde e um ator, disse o sr. Poe. Bom, lamento interromper a refeição, mas vocês precisam arrumar as malas, e eu tenho que voltar ao banco para continuar meu trabalho. Na condição de seu novo tutor legal, eu tenho muitos afazeres." Os três irmãos Baudelaire tinham muitas outras perguntas para fazer ao sr. Poe, mas ele já se levantara da mesa e, com um leve aceno de mão, retirou-se da sala. Ainda ouviram quando tossiu no seu lenço, até que finalmente a porta da frente rangeu ao fechar quando ele saiu para a rua.

"Bom", disse a sra. Poe, "vocês tratem de ir arrumando as malas. Edgar, Alberto, por favor, venham me ajudar a tirar a mesa."

Os órfãos Baudelaire foram para o quarto e melancolicamente arrumaram as malas com seus poucos pertences. Klaus olhava desgostoso para cada uma das camisas feiosas e ordinárias que a sra. Poe havia comprado para ele, à medida que as dobrava, ia pondo numa maleta. Violet observava à sua volta e colhia uma impressão geral do cômodo malcheiroso e atravancado em que tinham estado morando. E Sunny engatinhava em todas as direções e mordia solenemente cada um dos sapatos de Edgar e Alberto, deixando marcas de seus dentinhos para que não fossem esquecidos. De quando em quando, os jovens Baudelaire se entreolhavam, mas, com o futuro sendo um tal mistério, não conseguiam imaginar nada para dizer. Deitados para dormir, viraram-se e se agitaram na cama a noite toda, mal conseguindo um farrapo de sono entre os roncos pesados de Edgar e Alberto e a perturbação que os seus próprios pensamentos aflitivos lhes causavam. Até que, por fim, o sr. Poe bateu à porta e pôs a cabeça dentro do quarto.

“Bom dia, vamos começar o grande dia”, disse ele. “Está na hora de vocês irem para a casa do conde Olaf.”

Violet olhou para o quarto atravancado em torno dela e, apesar de não gostar dali, sentiu-se muito aflita por ter que ir embora. “Temos que ir neste exato momento?” perguntou.

O sr. Poe abriu a boca para falar, mas primeiro tossiu algumas vezes. “Têm, sim. Vou deixá-los no meu caminho para o banco, de forma que precisamos ir o mais rápido possível. Por favor, saiam da cama e vistam-se”, disse ele, num tom de absoluta determinação. “De absoluta determinação” aqui significa “que não dava margem a dúvidas quanto à urgência dos jovens Baudelaire irem para a rua. Os órfãos Baudelaire deixaram a casa. O automóvel do sr. Poe seguiu, lento e ofegante, pelas ruas calçadas com paralelepípedos em direção ao bairro da cidade onde morava o conde Olaf. Passaram por carruagens puxadas por cavalos, passaram por motocicletas ao longo da Passagem da Calmaria. Passaram pela Fonte Volúvel, um monumento lindamente esculpido de que às vezes jorrava água, fazendo a diversão da criançada. Atravessaram um vasto espaço de terra batida onde outrora ficavam os Jardins Reais. Após algum tempo, o sr. Poe desceu com seu carro uma viela ladeada por casas de tijolos e parou a meio caminho do final do quarteirão.

“Cá estamos”, disse o sr. Poe, num tom de voz que tinha a intenção de ser animador. “Eis o novo lar de vocês.”

Os jovens Baudelaire olharam para fora e se depararam com a casa mais bonita do quarteirão. Os tijolos haviam recebido uma limpeza para valer, e pelas amplas janelas abertas dava para ver uma coleção de plantas bem tratadas. Diante da entrada da casa, com uma das mãos segurando a reluzente maçaneta de metal da porta, uma senhora de certa idade, elegantemente vestida, sorria para os Baudelaire. Na outra mão tinha um vaso de flores.

“Olá!”, cumprimentou com muita simpatia. “Vocês devem ser as crianças que o conde Olaf está adotando.”

Violet abriu a porta do automóvel e saiu para cumprimentar a mulher com um aperto de mão. Sentiu um contato firme e caloroso, e pela primeira vez desde um tempo razoavelmente longo sentiu que sua vida e a de seus irmãos poderiam enfim tomar um rumo feliz. “Sim”, disse. “Somos nós, sim. Eu sou Violet Baudelaire, e este é meu irmão Klaus, e esta é minha irmã Sunny. E este é o sr. Poe, que tem se encarregado de resolver tudo para nós desde a morte de nossos pais.”

“Soube do acidente”, disse a mulher, enquanto todos terminavam de dizer “como vai?”. “Sou Justice2 Strauss.”

“Um prenome meio fora do comum”, observou Klaus.

“É meu título”, ela explicou, “não meu prenome. Sou juíza na Suprema

Corte."

"Fascinante!", disse Violet. "E é casada com o conde Olaf?"

"Ah, não, imagine!", disse a juíza Strauss. "Na verdade, eu nem o conheço muito bem. Ele é apenas meu vizinho."

Os meninos deslocaram o olhar, transferindo-o da casa lindamente conservada da juíza Strauss para a casa deploravelmente dilapidada que ficava ao lado. Os tijolos estavam encardidos e ensebados. Na fachada, só duas pequenas janelas, mantidas fechadas apesar de o dia estar muito bonito. Acima das janelas se erguia uma torre alta e suja, um pouco tombada para a esquerda. A porta da frente estava precisando ser repintada, e entalhada em seu centro havia a imagem de um olho. A construção inteira caía para um dos lados, como um dente torto.

"Oh!", disse Sunny, e todo mundo entendeu o que ela quis dizer. Ela quis dizer:

"Que lugar mais terrível! Não quero ir morar lá de jeito nenhum!".

"Bem, foi um prazer conhecer a senhora", disse Violet para a juíza Strauss.

"Sim", disse a juíza, e indicou com um gesto o seu vaso de flores. "Quem sabe vocês não aparecem qualquer dia desses para me ajudar na jardinagem?"

"Isso seria muito agradável", disse Violet muito tristemente. Sem dúvida, seria muito agradável ajudar ajuíza Strauss em sua jardinagem, mas Violet não pôde deixar de pensar que seria bem mais agradável morar na casa da juíza Strauss, e não na casa do conde Olaf. Que tipo de homem seria aquele, perguntou-se Violet, capaz de entalhar a imagem de um olho na sua porta da rua?

O sr. Poe tocou com os dedos respeitosamente aba do seu chapéu para se despedir da juíza Strauss, que sorriu para as crianças e em seguida desapareceu dentro de sua adorável casa. Klaus deu dois passos para a frente e bateu à porta do conde Olaf, com os nós dos dedos fazendo pontaria bem no centro do olho entalhado. Houve uma pausa, e logo a porta se abriu com um rangido, e as crianças viram o conde Olaf pela primeira vez.

"Olá, olá, olá", disse o conde Olaf num murmúrio ofegante. Ele era muito alto e muito magro, e vestia um terno cinzento com várias manchas escuras. O rosto estava sem barbear e, no lugar das duas sobrancelhas que a maioria dos seres humanos possui, tinha uma única, bem comprida. Seus olhos brilhavam intensamente, o que lhe dava uma aparência de faminto e zangado ao mesmo tempo. "Olá, meus filhos. Entrem em seu novo lar, mas antes esfreguem a sola dos sapatos ai fora, para não trazerem lama para dentro de casa."

Quando entraram na casa, com o sr. Poe atrás, os órfãos Baudelaire

perceberam o ridículo das palavras que o conde Olaf acabara de dizer. A sala em que se encontravam era o lugar mais sujo que já tinham visto, e um pouco de lama que trouxessem da rua não teria feito a menor diferença. Mesmo à luz fraca de uma única lâmpada presa num fio que pendia do teto, as três crianças podiam ver que tudo naquela sala estava na maior imundície, desde a cabeça empalhada de um leão pregada na parede até a tigela com pedaços de maçã sem casca sobre uma mesinha de madeira. Klaus fez força para não chorar quando passou os olhos à sua volta.

"Parece que esta sala está precisando de uma limpeza", disse o sr. Poe, tentando enxergar na penumbra reinante.

"Sei muito bem que minha humilde morada não se compara à mansão dos Baudelaire", disse o conde Olaf, "mas talvez com um pouco do seu dinheiro possamos lhe dar um aspecto melhor."

Os olhos do sr. Poe cresceram, tomados de surpresa, e sua tosse ecoou pela sala escura antes de ele falar. "A fortuna dos Baudelaire", disse com firmeza, não será usada para finalidades como essa. Na verdade, não será usada de forma nenhuma antes de Violet atingir a maioridade."

O conde Olaf se virou para o sr. Poe com um piscar de olhos semelhante ao de um cão enfurecido. Por um instante Violet pensou que ele ia esbofetear o sr. Poe. Mas ele engoliu em seco - as crianças viram o seu pomo-de-adão se mexendo para cima e para baixo dentro da garganta magrela - e deu de ombros.

"Tudo bem", disse, "para mim tanto faz. Muito obrigado, sr. Poe, por tê-los trazido até aqui. Meus filhos, agora deixem-me mostrar o seu quarto."

"Adeus, Violet, Klaus e Sunny", disse o sr. Poe, encaminhando-se para a porta da rua. "Espero que sejam muito felizes aqui. Continuarei a visitá-los ocasionalmente, e vocês podem me procurar no banco se tiverem perguntas a fazer."

"Mas nem sequer sabemos onde fica o banco", disse Klaus.

"Tenho um mapa da cidade", disse o conde Olaf.

"Adeus, sr. Poe. O conde se inclinou depressa para a frente a fim de fechar a porta, e os órfãos Baudelaire estavam mergulhados demais em seu desespero para querer se despedir do sr. Poe ainda uma última vez. Naquele momento teriam desejado mais que tudo continuar na casa do sr. Poe, apesar do mau cheiro. Em vez de olhar para a porta, os órfãos olharam foi para baixo, e viram que, embora o conde Olaf estivesse calçado com sapatos, não estava usando meias. E dava para eles verem, no intervalo de pele muito branca situado entre a surrada bainha da calça e o seu sapato preto, que o conde Olaf tinha tatuada a imagem de um olho em seu tornozelo, igual à do olho em sua porta da rua. Ficaram imaginando quantos outros olhos não haveria na casa do conde Olaf, e veio-lhes um pressentimento de que, para o

resto de sua vida, estariam sempre se sentindo sob a estreita vigilância do conde Olaf, mesmo quando ele não estivesse por perto.



CAPÍTULO TRÊS

Não sei se vocês já perceberam, mas as primeiras impressões muitas vezes são inteiramente falsas. Você pode olhar para um quadro uma primeira vez, por exemplo, e não gostar nem um pouco, mas, depois de olhar mais algum tempo, você é capaz de achá-lo muito bom. Na primeira vez em que você experimenta queijo gorgonzola, pode achar que é forte demais, mas, quando você for mais velho, pode querer não comer outra coisa na vida a não ser queijo gorgonzola. Quando Sunny nasceu, Klaus não gostava dela de jeito nenhum, mas quando ela completou seis semanas, os dois viviam agarradíssimos. A primeira opinião que você tem sobre qualquer coisa pode mudar com o tempo. Eu gostaria de poder dizer para vocês que os Baudelaire estavam enganados nas primeiras impressões que tiveram sobre o conde Olaf e sua casa, como muitas vezes acontece. Mas aquelas impressões de que o conde Olaf era uma pessoa horrível e de que sua casa era um chiqueiro deprimente, estavam absolutamente corretas. Durante os primeiros dias que se seguiram à chegada dos órfãos à casa do conde Olaf, bem que Violet, Klaus e Sunny se esforçaram para se sentir à vontade no novo ambiente, mas de nada adiantou. Apesar de a casa do conde Olaf ser bem grande, as crianças foram postas juntas num único quarto nojento com uma só cama para os três. Violet e Klaus se revezavam para dormir nela, uma noite na cama, outra noite no chão duro de madeira, e o próprio colchão tinha tantos calombos que ficava difícil dizer quem dormia com menos conforto. A fim de arranjar uma cama para Sunny, Violet tirou as cortinas empoeiradas presas à barra de ferro em cima da única janela do quarto e, com elas dobradas várias vezes, formou uma espécie de almofadão que foi a conta para acolher o corpinho da irmã. No entanto, sem cortinas que cobrissem a vidraça rachada, o sol invadia o quarto todas as manhãs, e os meninos acordavam cedinho e mal-humorados. Em vez de armário, havia uma grande caixa de papelão, usada noutros tempos para o transporte da geladeira, mas uma coisa era servir para guardar uma geladeira, outra, para guardar as roupas das três crianças, ainda que empilhadas num bloco só. Em lugar de brinquedos, livros ou outras coisas para divertir os jovens, o conde Olaf tinha providenciado um pequeno amontoado de pedras. E a única decoração nas paredes descascadas era um

quadro grande e feio representando um olho, igualzinho àquele do tornozelo do conde e a todos os outros espalhados pela casa.

Mas as crianças sabiam, como tenho certeza de que vocês também sabem, que por pior que seja o ambiente à nossa volta, ele pode ser suportado, desde que as pessoas que nele se encontram sejam interessantes e gentis. O conde Olaf não era uma coisa nem outra; era exigente, tinha pavio curto e ainda por cima era fedorento. A única coisa que se podia dizer a favor do conde é que não era sempre que ele estava por perto. Quando as crianças acordavam e tiravam da caixa de papelão a roupa que escolhiam para vestir, iam em seguida até a cozinha e viam uma lista de instruções que o conde Olaf lhes deixara, já que com frequência ele não voltava para casa antes do anoitecer. O conde passava a maior parte do dia fora, ou no alto da torre, onde as crianças estavam proibidas de entrar. As instruções que ele deixava tinham a ver com tarefas em geral difíceis, como repintar a varanda dos fundos ou consertar as janelas; em vez de assinar, o conde Olaf desenhava um olho na parte de baixo do bilhete.

Certa manhã, estava escrito no bilhete: "Os atores da minha trupe virão jantar antes do espetáculo desta noite. O jantar deve estar pronto para os dez convidados quando eles chegarem às sete horas. Comprem a comida, preparem, ponham a mesa, sirvam o jantar, depois lavem a louça, e não nos incomodem". Abaixo, lá estava o olho de sempre, e sob o bilhete uma pequena soma de dinheiro para as compras. Violet e Klaus leram o bilhete ao tomarem o café da manhã, que consistia num mingau de aveia, cinzento e encaroçado, que o conde Olaf deixava para eles todas as manhãs numa panela grande em cima do fogão. Leram e em seguida olharam um para o outro, muito aflitos.

"Nenhum de nós sabe cozinhar", disse Klaus. "É verdade", disse Violet. "Eu soube consertar as janelas e limpar a chaminé, porque são coisas que me interessam. Mas, em matéria de cozinha, o máximo que eu sei fazer são torradas."

"E às vezes você ainda queima as torradas", disse Klaus, e eles riram. Estavam se lembrando de uma ocasião em que os dois se levantaram cedo para preparar um café da manhã especial para os pais. Violet havia queimado a torrada e seus pais, sentindo o cheiro de queimado, desceram a escada correndo para ver o que tinha acontecido. Quando viram Violet e Klaus examinando desapontados os pedaços enegrecidos de torrada, morreram de rir e prepararam panquecas para toda a família.

"Gostaria que estivessem aqui", disse Violet. Não precisou explicar que estava se referindo aos pais. Eles jamais deixariam que ficássemos neste lugar horrível."

"Se estivessem aqui", disse Klaus, levantando a voz à medida que se mostrava cada vez mais revoltado, "antes de mais nada não precisaríamos

estar tom o conde Olaf. Detesto isto aqui, Violet! Detesto esta casa! Detesto nosso quarto! Detesto ter que fazer todos esses trabalhos, e detesto o conde Olaf!"

"Também detesto", disse Violet, e Klaus olhou para a irmã mais velha com alívio. Às vezes o simples fato de você dizer que detesta alguma coisa e ler alguém que concorda com você pode ajudá-lo a suportar uma situação horrível. "Detesto tudo o que há em nossa vida neste momento, Klaus", disse ela, "mas vamos ter que manter o queixo erguido." Essa era uma expressão que o pai dos meninos costumava usar e que significava "tentar não perder o ânimo.

"Tem razão", disse Klaus. "Mas é muito difícil manter o queixo erguido quando o conde Olaf só faz empurrá-lo para baixo."

"Juf!", gritou Sunny, batendo na mesa com sua colher de mingau de aveia. Violet e Klaus foram interrompidos em sua conversa e olharam mais uma vez para o bilhete do conde Olaf.

"Quem sabe não encontramos um livro de receitas e descobrimos alguma página que ensine a cozinhar?", disse Klaus. "Não pode ser tão difícil assim preparar uma simples refeição."

Violet e Klaus levaram vários minutos abrindo e fechando os armários da cozinha do conde Olaf, mas não acharam nenhum livro de receitas.

"A mim, não me surpreende", disse Violet. "Nesta casa, não encontramos livros de nenhum tipo."

"Eu sei", disse Klaus na maior tristeza. "Sinto muita falta de ler. Vamos precisar sair qualquer dia desses e procurar onde é que tem uma biblioteca."

"Mas não hoje", disse Violet. "Hoje temos que cozinhar para dez pessoas." Nesse momento bateram na porta da rua. Violet e Klaus se entreolharam, nervosos.

"Quem neste mundo poderia querer visitar o conde Olaf?", Violet indagou a si mesma em voz alta.

"Talvez seja alguém que esteja querendo nos visitar", disse Klaus sem maiores esperanças. Desde a linda de seus pais, a maioria dos amigos dos órfãos Baudelaire tinham desertado, e quando digo "tinham desertado", quero dizer que "pararam de telefonar ou escrever para eles, não apareceram nem uma vez para ver como estavam, deixando-os muito solitários". É evidente que vocês e eu jamais faríamos uma coisa dessas com algum conhecido que estivesse de luto, mas é uma triste verdade da vida: quando perdemos um ente querido, os amigos às vezes nos evitam, justamente quando a presença de amigos é mais necessária.

Violet, Klaus e Sunny foram andando devagar até a porta da rua e espiaram pelo olho mágico, que, como era de esperar, tinha também a forma

de um olho. Ficaram encantados ao ver a juíza Strauss, que os examinava do outro lado, e abriram a porta.

"Juíza Strauss!", exclamou Violet. "Que bom que a senhora veio!" Estava a ponto de acrescentar: "Entre, por favor!", mas pensou duas vezes e concluiu que a juíza Strauss provavelmente não quereria se aventurar na sala suja e pouco iluminada.

"Por favor, perdoem-me por não ter aparecido antes", disse a juíza Strauss, enquanto os Baudelaire se postavam diante da entrada, meio contrafeitos. "Eu bem que tive vontade de ver como vocês estavam se acomodando na nova casa, mas tive um processo muito difícil na Suprema Corte, que me deixou sem tempo para mais nada."

"Que tipo de processo foi?", perguntou Klaus. Privado de leitura como se achava, estava faminto de informações novas.

"Na verdade, não posso discuti-lo", disse a juíza Strauss, "porque é um assunto oficial. Mas posso dizer que envolve uma planta venenosa e o uso ilegal de um cartão de crédito alheio."

"Iiica!", gritou Sunny, como se quisesse dizer: "Que interessante!", embora evidentemente não houvesse a menor possibilidade de Sunny ter entendido o que estava sendo dito.

A juíza Strauss baixou os olhos para Sunny e riu. "É o caso: iiica!", disse, e estendeu a mão para acariciar a cabeça da menina. Sunny pegou a mão da juíza e a mordeu gentilmente.

"Isso significa que ela gostou da senhora", explicou Violet. "Ela morde com muita força, morde para valer, quando não gosta de alguém ou quando alguém quer dar banho nela."

"Sei", disse a juíza Strauss. "Agora me digam: como é que vocês estão? Há alguma coisa que vocês desejem?"

As crianças se entreolharam, com o pensamento em tudo o que desejavam. Outra cama, por exemplo. Um berço decente para Sunny. Cortinas para a janela do quarto. Um armário em vez da caixa de papelão. Mais que tudo, porém, desejavam não ter nenhum tipo de ligação com o conde Olaf, é claro. Mais que tudo, desejavam estar morando com seus pais novamente, em sua casa de verdade, o que era impossível, sabiam muito bem. Violet, Klaus e Sunny ficaram, todos, olhando para o chão, refletindo com infelicidade na pergunta. Até que Klaus falou.

"Poderíamos pedir emprestado um livro de receitas?", disse. "O conde Olaf mandou que fizéssemos um jantar esta noite para os atores da sua companhia teatral, e não conseguimos achar nenhum livro de receitas em casa."

"Deus do céu", disse a juíza Strauss. "Parece exagero pedir que crianças

cozinhem para toda uma companhia teatral."

"O conde Olaf nos dá muitas responsabilidades", disse Violet. O que ela quis dizer foi: "O conde Olaf é um homem mau". Mas era uma menina bem-educada.

"Bom, por que vocês não vêm comigo até a minha casa e não procuram um livro de receitas que lhes agrade?"

Os jovens aceitaram o convite e seguiram a juíza Strauss, passando ao interior de sua tão bem cuidada casa. Ela os levou por um elegante corredor com perfume de flores até um vasto salão, e quando viram o que havia ali, quase desmaiaram de encantamento, especialmente Klaus.

A sala era uma biblioteca. Não uma biblioteca pública, mas uma biblioteca particular, ou seja: uma grande coleção de livros pertencentes à juíza Strauss. Havia estantes e mais estantes repletas, em todas as paredes, do chão ao teto. E estantes soltas, no meio da sala, muitas delas - o único lugar em que não se viam livros era um dos cantos, onde havia poltronas que pareciam bem confortáveis e uma mesa de madeira com pontos de luz projetados sobre ela, perfeitos para a leitura. Apesar de não ser tão grande quanto a biblioteca de seus pais, aquela era igualmente aconchegante, e os jovens Baudelaire estavam empolgados.

"É uma biblioteca maravilhosa, parabéns!", disse Violet.

"Muito obrigada!", disse a juíza Strauss. "Venho colecionando livros há anos, e tenho muito orgulho de minha coleção. Contanto que cuidem direitinho deles, estão todos à disposição de vocês, quando quiserem. Vejam, os livros de receitas ficam na parede esquerda. Vamos dar uma olhada neles?"

"Vamos", disse Violet, "e se não se importar, gostaria de olhar os livros que tratam de engenharia mecânica. Inventar coisas é minha paixão."

"E eu gostaria de olhar livros sobre lobos", disse Klaus. "Ultimamente ando fascinado pelos animais selvagens da América do Norte."

"Liiiv!", gritou Sunny, querendo dizer: "Por favor, não se esqueçam de pegar um livro com figuras para mim!"

A juíza Strauss sorriu. "É um prazer conhecer jovens interessados em livros", disse. "Mas primeiro acho que precisamos encontrar uma boa receita, não é mesmo?" As crianças concordaram e por cerca de trinta minutos examinaram diversos livros de receitas recomendados pela juíza. Para dizer a verdade, os três órfãos estavam tão entusiasmados por se encontrar fora da casa do conde Olaf, naquela agradável biblioteca, que se distraíam e sua atenção se desviava um pouco, impedindo-os de se concentrar no campo da culinária. Mas finalmente Klaus descobriu um prato que parecia delicioso e fácil de fazer.

“Escutem só”, disse. “Puttanesca. É um molho italiano para massas. Prepara-se com azeitonas, alcaparras, enchovas, alho, salsa picada e tomates misturados na panela, depois é só fazer espaguete e juntar com o molho.”

“Parece fácil”, concordou Violet, e os órfãos Baudelaire se entreolharam. Quem sabe, com a amável juíza Strauss e sua biblioteca bem ao lado de casa, as crianças não seriam capazes de preparar uma vida agradável para si próprias com tanta facilidade como fariam espaguete à puttanesca para o conde Olaf.



CAPÍTULO QUATRO

Os órfãos Baudelaire copiaram a receita do livro numa sobra de papel, e a juíza Strauss teve a gentileza de acompanhá-los até o mercado para que comprassem os ingredientes necessários. O conde Olaf não havia deixado muito dinheiro para eles, mas os garotos conseguiram comprar tudo o que era preciso. De um vendedor de rua levaram as azeitonas, depois de provar diversas variedades e escolher suas preferidas. Numa loja de massas adquiriram macarrão em formato muito interessante e pediram à gerente uma quantidade que desse para treze pessoas - as dez pessoas mencionadas pelo conde Olaf, mais eles três. Foram ao supermercado e compraram alho, que é um bulbo vegetal de gosto muito ativo; enchovas, que são peixinhos bem salgados; alcaparras, botões florais que dão em pequenos arbustos e têm um sabor maravilhoso, e tomates, que na verdade são frutos, e não legumes como a maioria das pessoas imagina. Eles acharam que deviam incluir uma sobremesa, e compraram vários envelopes de pó para pudim. Talvez, pensaram os órfãos, se fizessem uma refeição deliciosa, o conde Olaf passasse a ser mais gentil com eles.

"Muitíssimo obrigada pela ajuda que nos deu hoje", disse Violet, e foi andando até em casa com os irmãos e a juíza Strauss. "Não sei como teríamos nos arranjado sem a senhora."

"Vocês me parecem muito inteligentes", disse a juíza Strauss. "E eu sabia que certamente seriam capazes de inventar alguma solução. Mas continuo

achando estranho o conde Olaf pedir que vocês preparassem uma refeição para tanta gente. Bom, aqui estamos. Tenho que entrar para arrumar minhas próprias compras. Espero que vocês não tardem a me visitar e levar emprestados livros de minha biblioteca.

"Amanhã?", perguntou Klaus sem perder tempo. Podemos aparecer amanhã?

"Não vejo por que não", disse a juíza Strauss, sorrindo.

"Nem sei como lhe agradecer", disse Violet, medindo as palavras. Com os pais mortos e o conde Olaf tratando-os de maneira tão abominável, as três crianças não estavam acostumadas a receber gentilezas dos adultos, e não sabiam ao certo se era esperado que dessem alguma coisa em troca. "Amanhã, antes de tornarmos a recorrer a sua biblioteca, Klaus e eu gostaríamos de prestar serviços domésticos para a senhora. Sunny ainda não tem propriamente idade para trabalhar, mas garanto que vamos descobrir um modo dela poder ajudá-la."

A juíza Strauss sorriu para as três crianças, mas havia tristeza nos seus olhos. Estendeu a mão e a pousou nos cabelos de Violet, o que deu à menina um consolo que fazia tempo ela não sentia. "Não vai ser preciso", disse a juíza. "Vocês sempre serão bem-vindos em minha casa." Depois disso, ela se voltou para a porta e entrou. Por um breve instante os órfãos Baudelaire seguiram com o olhar seus movimentos, antes de eles próprios entrarem em casa.

Durante a maior parte da tarde, Violet, Klaus e Sunny prepararam o molho de acordo com a receita. Violet dourou o alho, limpou e picou as enchovas. Klaus descascou os tomates e tirou o caroço das azeitonas. Sunny ficou batendo numa panela com uma colher de pau, enquanto cantava uma canção um tanto repetitiva que ela havia composto. E as três crianças se sentiram menos melancólicas, como ainda não tinham se sentido desde que se mudaram para a casa do conde Olaf. O cheiro de comida indo ao fogo tem geralmente um efeito calmante, e a cozinha ficou mais aconchegante quando eles começaram a esquentar o molho em fogo baixo. Os três órfãos falaram de lembranças agradáveis de seus pais e sobre a juíza Strauss, que concordaram se tratar de uma vizinha maravilhosa, e planejaram passar um bom tempo em sua biblioteca. Conversando, misturaram e provaram o pudim de chocolate.

Bem no momento em que estavam pondo o pudim na geladeira para que esfriasse, Violet, Klaus e Sunny escutaram a porta da frente se abrir e se escancarar com estrondo, e é claro que não preciso dizer a vocês quem havia chegado em casa.

"Órfãos?", chamou o conde Olaf com sua voz arranhada. "Onde estão vocês, órfãos?"

“Na cozinha, conde Olaf”, respondeu Klaus. “Estamos terminando de fazer o jantar.”

“Assim espero”, disse o conde Olaf, e entrou como um raio na cozinha. Encarou fixo os três Baudelaire com seus olhos faiscantes. “Meus colegas estão chegando e estão morrendo de fome. Onde está o rosbife?”

“Não fizemos rosbife”, disse Violet. “Fizemos macarrão a puttanesca.”

“Quê?!”,perguntou o conde. “Não tem rosbife?”

“O senhor não nos disse que queria rosbife”, disse Klaus. O conde Olaf se aproximou das crianças, para parecer ainda mais alto do que era. Seus olhos faiscaram com um brilho maior, e sua sobrancelha tipo duas-em-uma se ergueu raivosamente. “Quando concordei em adotá-los”, disse, “tornei-me seu pai e, como pai, não admito que zombem de mim. Ordeno que sirvam rosbife, a mim e aos meus convidados”.

“Não temos como!”, gritou Violet. “Fizemos macarrão à puttanesca!”

“Na! Na! Na!”, berrou Sunny.

O conde Olaf baixou os olhos para Sunny, que tinha tomado a palavra tão subitamente. Com um rugido inumano, pegou-a com uma única de suas mãos descarnadas e a levantou até a altura em que ela pudesse olhá-lo nos olhos. Não preciso dizer que Sunny se assustou muito e começou a chorar na mesma hora, apavorada demais para sequer tentar morder a mão que a retinha.

“Ponha já a menina no chão, seu animal!”, gritou Klaus. E deu um salto, querendo salvar Sunny das garras do conde, mas este a suspendera mais alto do que o menino podia alcançar. O conde Olaf baixou os olhos para Klaus e lhe dirigiu um sorriso terrível, com os dentes todos à mostra, ao mesmo tempo que erguia ainda mais alto no ar a chorosa Sunny. Ele parecia disposto a deixá-la cair quando se ouviu uma explosão de gargalhadas vindo da sala ao lado. .

“Olaf! Onde está Olaf?”, chamavam muitas vozes. O conde Olaf fez uma pausa, ainda com a chorosa Sunny suspensa no ar, enquanto membros da companhia teatral entravam ruidosamente na cozinha. Logo ocuparam todo o espaço - uma multidão que reunia os tipos de aparência mais estranha, de todas as formas e tamanhos. Havia um careca com nariz bem comprido, vestindo um longo roupão negro. Havia duas mulheres com o rosto inteiro coberto de um pó branco e brilhante que lhes dava o aspecto de fantasmas. Atrás das mulheres, estava um homem de braços muito compridos e magricelas que terminavam por ganchos em vez de mãos. Havia uma pessoa tremendamente gorda e que não parecia ser nem homem nem mulher. Atrás dessa pessoa, amontoadas junto à porta da cozinha, achavam-se várias outras que as crianças não podiam ver mas que também deviam ser assustadoras.

“Aí está o homem!”, disse uma das mulheres de rosto branco. “Que diabo você está fazendo, Olaf?”

“Estou dando uma lição nesses órfãos”, disse o conde Olaf. “Pedi a eles que preparassem o ‘jantare’ e tudo o que fizeram foi um molho nojento.”

“Não se pode dar moleza para as crianças”, disse o homem com mãos de gancho. “Elas têm que aprender a obedecer aos mais velhos.” O careca alto fixou o olhar nos meninos. “São estes”, perguntou ao conde Olaf, “os riquinhos de que você me falou?”

“Sim”, disse o conde. “São tão horríveis que mal consigo suportar o contato de qualquer um deles.” Ao dizer isso, pôs no chão Sunny, que continuava chorando. Violet e Klaus suspiraram aliviados por ele não a ter deixado despencar da altura em que se achava.

“Você está certo”, disse alguém que estava junto à porta da cozinha. O conde Olaf esfregou as mãos uma na outra como se houvesse estado segurando algo repelente e não um bebê. “Bem, chega de conversa”, disse. “Acho que vamos ter que comer o jantar deles, mesmo que tenha saído tudo errado. Venham comigo à sala de jantar, que eu servirei vinho para vocês. Pode ser que quando esses pirralhos puserem a comida na mesa, já estejamos bêbados o suficiente para nem reparar se é rosbife ou não.”

“Viva!”, gritaram vários membros da trupe, e se retiraram da cozinha, acompanhando o conde Olaf até a sala de jantar. Ninguém prestou a menor atenção nos meninos, a não ser o tal careca, que parou e ficou olhando Violet nos olhos.

“Você até que é bonitinha”, disse, tomando-lhe o rosto nas mãos. “Se eu fosse você, tentaria não aborrecer o conde Olaf, do contrário ele é capaz de arrebentar esse lindo rostinho.” Violet estremeceu e o careca deu uma risada estridente ao seguir na direção dos outros.

Os Baudelaire, deixados a sós na cozinha, respiraram pesado, como se tivessem acabado de correr uma longa distância. Sunny continuava chorando, e Klaus descobriu que seus próprios olhos também estavam molhados. Só quem não chorava era Violet, tomada apenas por uns tremores que eram de medo e repulsa, palavra que aqui está usada no sentido de “mistura desagradável de horror e aversão”. Por alguns momentos nenhum deles conseguiu falar.

“É terrível, é terrível”, disse Klaus afinal. “Violet, o que podemos fazer?”

“Não sei”, disse ela. “Estou com medo.” “Eu também”, disse Klaus.

“Rac!”, disse Sunny, parando de chorar.

“Como é? E esse jantar?”, gritou alguém da sala vizinha, e a trupe em peso começou a bater na mesa ritmadamente, o que é uma grosseria que não tem tamanho.

“É melhor pôr a comida na mesa, ou sabe-se lá o que o conde Olaf é capaz de fazer conosco.”

Violet pensou no que o careca tinha dito, sobre aquela história de arrebentar o rosto dela, e concordou. Os dois olharam para a panela onde borbulhava o molho, que lhes parecera tão apetitoso enquanto o estavam preparando e agora era como um barril de sangue. Depois, deixando Sunny na cozinha, caminharam para a sala de jantar. Klaus levava uma tigela com o macarrão em formato interessante, e Violet a panela com o molho, acompanhada de uma pesada concha para servi-lo. A trupe conversava às gargalhadas, bebendo seguidamente de suas taças de vinho, sem prestar a menor atenção nos órfãos Baudelaire, que se empenhavam em dar a volta ao redor da mesa servindo o jantar a cada um. A mão direita de Violet doía do esforço de segurar a pesada concha. Ela pensou em usar a outra mão para suportar melhor o peso, mas como era destra, receava derramar o molho com sua mão esquerda, o que poderia enfurecer o conde Olaf mais uma vez. Olhou com tristeza para o prato de comida do conde, e se surpreendeu desejando ter comprado veneno no mercado para acrescentar ao molho. Tendo terminado de servir, Klaus e Violet discretamente se retiraram para a cozinha. Sempre escutando o gargalhar grosseiro e desenfreado do conde Olaf e de sua trupe, fizeram seu próprio prato, mas estavam tão tristes que nem tinham vontade de comer. Não demorou muito, e os convidados de Olaf mais uma vez começaram a bater ritmadamente na mesa, um sinal para que os órfãos corressem à sala de jantar, recolhessem os pratos e em seguida servissem o pudim de chocolate. Àquela altura era óbvio que o conde Olaf e seus colegas haviam bebido toneladas de vinho, pois se debruçavam procurando apoio na mesa e falavam muito menos. Até que por fim se levantaram, saindo em rebanho para atravessar de novo a cozinha e acertar com o caminho que levava à porta da rua. O conde Olaf circulou um olhar pela cozinha, que estava repleta de pratos sujos.

"Já que vocês ainda não terminaram de limpar", disse ele aos órfãos, "estão desculpados de não comparecerem ao espetáculo desta noite. Mas, depois de tudo arrumado, vão direto para suas camas."

Klaus olhava fixo para o chão, tentando esconder a raiva de que se sentia possuído. Mas, ouvindo isso, não aguentou ficar calado.

"O senhor quer dizer para a cama", gritou. "Pois li senhor só providenciou uma cama para todos nós!"

Os membros da companhia teatral pararam no meio de seu caminho, surpreendidos por aquele rompante, e de Klaus transferiram o olhar para o ronde Olaf, a fim de ver o que aconteceria em seguida. O conde ergueu sua sobrancelha tipo duas-em-uma, com os olhos brilhando intensamente, mas falou com calma.

"Se acham que precisam de outra cama", disse ele, "é só irem amanhã à cidade comprar uma."

"O senhor sabe perfeitamente que não temos dinheiro", disse Klaus.

“Claro que têm”, disse o conde Olaf, e seu tom de voz começou a se levantar um pouco. “Vocês são herdeiros de uma enorme fortuna.”

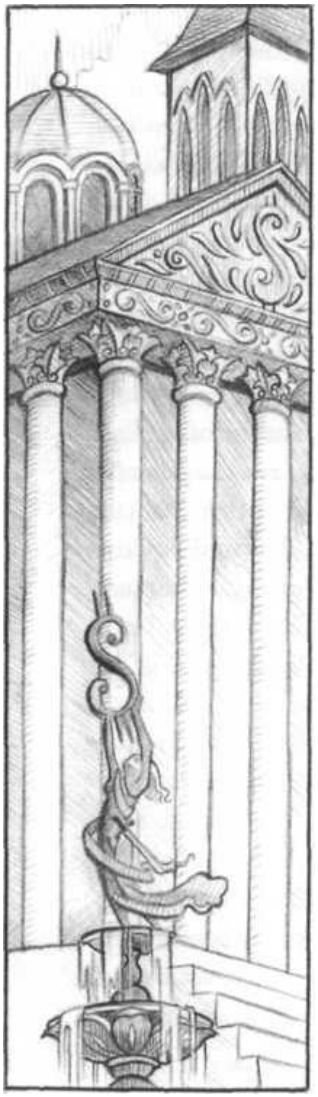
“Esse dinheiro”, disse Klaus, recordando o que o sr. Poe havia dito, “é para ser usado só quando Violet atingir a maioridade.”

O conde Olaf ficou muito vermelho de raiva. Por um instante, não disse nada. Em seguida, com um movimento súbito do braço, acertou o rosto de Klaus. O garoto caiu no chão, com a cabeça a poucos centímetros do olho tatuado no tornozelo do conde. Seus óculos saltaram do rosto e foram parar mais adiante. A face esquerda, que havia recebido a pancada de Olaf, ardia como se estivesse pegando fogo. A trupe caiu na risada, e alguns deles até aplaudiram, como se o conde Olaf tivesse realizado um ato de grande bravura, e não uma baixeza desprezível.

“Vamos embora, amigos”, disse o conde Olaf para seus camaradas. “Senão nos atrasaremos para o espetáculo. “

“Se o conheço bem, Olaf”, disse o homem com mãos de gancho, “vai acabar descobrindo um jeito de tomar esse dinheiro dos Baudelaire.”

“Vamos ver”, disse o conde Olaf, mas seus olhos brilhavam como se ele já tivesse uma ideia a respeito do assunto. Ouviu-se outro estrondo quando a porta da rua bateu fechando-se atrás do conde Olaf e de seus terríveis amigos, e os Baudelaire ficaram sozinhos na cozinha. Violet se ajoelhou ao lado de Klaus, abraçando-o para ver se ele se sentia melhor. Sunny engatinhou até onde tinham ido parar seus óculos, pegou-os e os levou para ele. Klaus começou a chorar, não por causa da dor, mas de raiva pela horrível situação em que estavam metidos. Violet e Sunny choraram com ele, e o choro se prolongou enquanto lavavam os pratos, e quando sopraram apagando as velas na sala de jantar, e quando trocaram de roupa e se deitaram para dormir, Klaus na cama, Violet no chão e Sunny em sua pequena almofada feita com as cortinas. O luar entrava pela janela, e se alguém olhasse para dentro do quarto dos órfãos Baudelaire, veria três crianças chorando de mansinho a noite inteira.



CAPÍTULO CINCO

A não ser que vocês tenham tido uma sorte rara, raríssima, na vida, certamente terão passado por experiências que os fizeram chorar. Ou seja, a não ser que tenham tido essa sorte raríssima, vocês sabem que uma boa e longa sessão de choro é capaz de melhorar nosso ânimo, mesmo que as circunstâncias se mantenham as mesmas. Foi o que aconteceu com os órfãos Baudelaire. Depois de chorarem uma noite inteira, acordaram na manhã seguinte se sentindo como se tivessem tirado um peso dos ombros deles. As três crianças sabiam, é claro, que continuavam numa situação horrível, mas começaram a pensar que poderiam fazer alguma coisa para melhorá-la. O bilhete deixado aquela manhã pelo conde Olaf mandava que eles fossem cortar lenha no quintal, e enquanto Violet e Klaus atacavam a machadadas as toras para reduzi-las a pedaços menores, discutiram possíveis planos de ação,

ao mesmo tempo que

Sunny mastigava pensativamente uma lasca de madeira.

"É evidente", disse Klaus, apontando o horrendo machucado feito em seu rosto pelo conde Olaf, "que não podemos ficar aqui por mais tempo. Prefiro me arriscar vivendo na rua a continuar neste lugar pavoroso."

"Mas quem sabe as desgraças que podem nos acontecer se nos mudarmos para a rua?", observou Violet. "Pelo menos temos um teto para cobrir nossa cabeça".

"Gostaria que pudéssemos usar o dinheiro de nossos pais desde já, em vez de termos que esperar pela maioridade", disse Klaus. "Aí poderíamos comprar um castelo e morar nele, com seguranças armados, vigiando do lado de fora para não deixar que o conde Olaf e sua trupe entrassem."

"E eu poderia ter um amplo estúdio para minhas invenções", disse Violet, com a tristeza de quem menciona um sonho impossível. Ela brandiu o machado e partiu a tora de madeira em duas exatas metades. "Um estúdio todo equipado com fios, roldanas, engrenagens e um sistema sofisticado de computadores.

"E eu poderia ter uma ampla biblioteca", disse Klaus, "igualzinha em conforto à da juíza Strauss, mas mais gigantesca."

"Guibo!", gritou Sunny, como se dissesse: "E eu poderia ter um monte de coisas para morder".

"Mas, enquanto isso", disse Violet, "temos que fazer alguma coisa para sair deste aperto."

"Quem sabe a juíza Strauss não poderia nos adotar?", disse Klaus. "Ela falou que seríamos sempre bem-vindos em sua casa."

"Ela estava falando de uma visita, ou de uma consulta à sua biblioteca", assinalou Violet. "Não falou em morar."

"Se explicássemos nossa situação para ela, talvez ela concordasse em nos adotar", disse Klaus, como que esperançoso, mas quando Violet olhou para ele, viu escrito no rosto dela: "nenhuma chance". Adotar crianças é uma decisão muito séria, e é pouco provável tomá-la impulsivamente. Tenho certeza de que, na vida de vocês, já houve momentos em que desejaram ser criados por pessoas diferentes daqueles que os criam, mas no fundo do coração sabiam que as chances de isso acontecer eram mínimas.

"Acho que devíamos procurar o sr. Poe", disse Violet. "Ele falou, quando nos deixou aqui, que podíamos entrar em contato com ele no banco sempre que tivéssemos alguma dúvida."

"Não se trata propriamente de dúvida", disse Klaus. "Temos uma queixa." Voltoulhe à memória a imagem do sr. Poe caminhando na direção deles, na

Praia de Sal, com sua mensagem terrível. Apesar de o sr. Poe evidentemente não ter sido culpado do incêndio, Klaus hesitava em vê-lo por medo de que ele pudesse trazer más notícias outra vez.

"Não sei de mais ninguém que possamos procurar", disse Violet. "O sr. Poe é quem trata dos nossos assuntos, e tenho certeza de que, se ele soubesse o horror que é o conde Olaf, nos tiraria daqui na mesma hora."

Klaus imaginou o sr. Poe chegando e pondo os órfãos Baudelaire dentro do carro, a fim de levá-los para qualquer outro lugar, e sentiu uma centelha de esperança se acender. Qualquer lugar seria melhor do que aquele. "Está certo", disse. "Assim que acabarmos de rachar essa lenha, vamos até o banco."

Animados com seu plano, os órfãos Baudelaire baixaram o machado com renovado vigor e uma velocidade assombrosa, de modo que em pouco tempo a lenha estava toda cortada e eles, prontos para ir ao banco. Lembraram-se de o conde dizer que tinha um mapa da cidade, e revistaram a casa inteira à sua procura, mas não o acharam. Concluíram que deveria estar na torre, onde haviam sido proibidos de entrar. E, assim, sem orientação de nenhum tipo, seguiram para a zona bancária da cidade, na esperança de encontrar o sr. Poe.

Depois de percorrer a zona de açougues, a zona de flores e a zona de estátuas, as três crianças chegaram à zona bancária, fazendo uma pausa para beber água na Fonte da Vitória das Finanças. A zona bancária era formada por várias ruas largas com grandes construções de mármore de cada lado, todas servindo a bancos. Entraram primeiro no Banco de Toda a Confiança, depois na Caixa Segura de Empréstimos e Poupanças e, em seguida, na Prestação de Serviços Financeiros, sempre perguntando pelo sr. Poe. Uma recepcionista na Prestação informou que o sr. Poe trabalhava no final da rua, na Administração de Multas. O prédio era quadrado e com um jeitão simplório, mas, uma vez lá dentro, os três órfãos se sentiram intimidados com a agitação de pessoas que em grandes levas corriam de um lado para outro do vasto salão, os passos ecoando desmesuradamente. Por fim se decidiram a perguntar a um guarda uniformizado se ali era de fato o lugar onde trabalhava o sr. Poe, e ele os conduziu a um amplo escritório com muitos arquivos de aço e nenhuma janela.

"Olá, vocês por aqui?", disse o sr. Poe, com certa surpresa na voz. Estava sentado a uma escrivaninha coberta de folhas datilografadas, que passavam ao mesmo tempo uma imagem de importância e de tédio. À volta de um pequeno retrato emoldurado de sua mulher e dos dois animais que eram seus filhos, havia três telefones com luzes que piscavam.

"Entrem, façam o favor."

"Obrigado", disse Klaus, trocando um aperto de mão com o sr. Poe. Os jovens Baudelaire sentaram-se em três poltronas grandes e confortáveis. O sr. Poe abriu a boca para falar, mas primeiro tossiu num lenço. "Hoje estou cheio

de trabalho", disse finalmente. "Não vou ter muito tempo para conversar. A próxima vez que vocês vierem para estes lados avisem antes por telefone, aí eu reservo um tempo e almoçamos juntos."

"Gostaríamos muito", disse Violet, "e desculpe-nos de não ter avisado o senhor antes de vir, mas acontece que estamos numa situação de urgência."

"O conde Olaf é um louco", disse Klaus, indo diretamente à questão. "Não dá para ficarmos com ele.".

"Ele bateu no rosto do Klaus. Está vendo a marca que deixou?", disse Violet, mas mal acabou de falar, soou o telefone, com um gemido estridente e desagradável. "Com licença", disse o sr. Poe, e colou o aparelho no ouvido. "Poe falando", respondeu. "Quê? Sim. Sim. Sim. Sim. Não. Sim. Obrigado." Desligou o telefone e ficou olhando para os Baudelaire como se houvesse esquecido que estavam ali.

"Desculpem-me, disse o sr. Poe. O que era mesmo que estávamos falando? Ah, sim, do conde Olaf. Lamento que a primeira impressão que estão tendo dele não seja boa."

"Ele providenciou uma cama só para todos nós", disse Klaus.

"E nos obriga a fazer uma porção de serviços difíceis."

"Bebe vinho demais."

"Com licença", disse o sr. Poe, quando tocou outro telefone. "Poe falando", respondeu. "Sete. Sete. Sete. Sete. Seis e meio. Sete. Não tem de quê." Desligou o aparelho e rapidamente fez uma anotação num dos seus papéis, depois olhou para os meninos.

"Desculpem-me, disse, O que era mesmo que estavam dizendo do conde Olaf? Dar serviços para vocês não me parece que seja algo tão ruim."

"Ele nos chama de órfãos."

"Ele tem uns amigos horríveis."

"Está sempre perguntando pelo nosso dinheiro."

"Pocô!" (Isso quem disse foi Sunny.)

O sr. Poe ergueu as mãos num sinal de que já ouvira bastante. "Garotada, garotada", disse. "Vocês precisam de um tempo para se adaptar ao novo lar. Estão lá há apenas alguns dias."

"O tempo que passamos lá foi suficiente para sabermos que o conde Olaf é um homem mau", disse Klaus.

O sr. Poe suspirou e olhou para cada uma das três crianças. Tinha um ar bondoso, mas não parecia estar acreditando no que os órfãos Baudelaire diziam. "Vocês já ouviram falar na expressão latina in loco parentis?", perguntou. Violet e Sunny olharam para Klaus. Sendo o maior leitor dos três,

era de esperar que tivesse o maior vocabulário e conhecesse locuções estrangeiras. “Alguma coisa a ver com trens?”, perguntou. Talvez o sr. Poe estivesse pensando em levá-los de trem para um outro parente.

O sr. Poe balançou a cabeça. “In loco parentis” significa ‘assumindo o papel dos pais’, disse. “É uma expressão jurídica e se aplica ao conde Olaf. Agora que estão sob os cuidados dele, o conde pode educá-los usando os métodos que considere apropriados. Lamento se seus pais não os encarregaram de fazer serviços domésticos, ou se vocês jamais os viram tomar vinho, ou se vocês gostavam mais dos amigos deles do que dos amigos do conde Olaf. Mas essas são coisas às quais vocês têm que se acostumar, já que o conde Olaf age in loco parentis. Entendem?”

“Mas ele bateu no meu irmão!”, disse Violet. “Olhe para o rosto dele!” Enquanto Violet falava, o sr. Poe puxou o lenço do bolso e, cobrindo a boca, tossiu muitas vezes seguidas - com um barulho tão forte que Violet ficou sem saber se tinha dado para ele ouvir o que ela dissera.

“Seja o que for que o conde Olaf tenha feito”, disse o sr. Poe, baixando os olhos para um dos seus papéis e traçando um círculo em torno de um número, “ele o fez agindo in loco parentis, e não há nada que eu possa fazer a respeito disso, O dinheiro de vocês estará protegido por mim e pelo banco, mas as técnicas de que se serve o conde in loco parentis são assunto dele. Não queria que vocês saíssem chispando, mas tenho muito que fazer.”

As crianças continuaram sentadas, perplexas. O sr. Poe olhou para o alto e pigarreou. “Chispando”, disse ele, significa...

“...significa que o senhor não fará nada para nos ajudar”, Violet concluiu por ele. Ela tremia de raiva e frustração. Quando um dos telefones começou a tocar, ela se levantou e se retirou da sala, seguida por Klaus, que carregava Sunny. Foram andando empertigados e pararam ao chegar à rua, não sabendo o que fazer em seguida.

“E agora, o que vamos fazer?”, perguntou Klaus insistentemente. Violet ergueu os olhos para o céu. Gostaria de ser capaz de inventar alguma coisa que pudesse levá-los para bem longe. “Está ficando um pouco tarde”, disse. “É melhor voltarmos e amanhã pensamos em outra saída. Agora podíamos, quem sabe, fazer uma visita à juíza Strauss.”

“Mas você falou que ela não nos ajudaria”, disse Klaus.

“Não estou pensando em ajuda”, disse Violet. “Estou pensando em livros.” É muito útil, quando se é jovem, saber a diferença entre “literal” e “figurado”. Se alguma coisa acontece no sentido literal, acontece de verdade; se acontece no sentido figurado, dá a impressão de estar acontecendo. Se você está literalmente pulando de alegria, por exemplo, quer dizer que você está dando saltos no ar porque se sente muito feliz. Se você está pulando de alegria figuradamente, o que isso quer dizer é que você se sente tão feliz que

poderia pular de alegria, mas está poupando sua energia para outros fins. Os órfãos Baudelaire percorreram o caminho de volta para a casa do conde Olaf e pararam na casa vizinha, da juíza Strauss, que os fez entrar de maneira acolhedora e deixou que escolhessem livros da biblioteca. Violet escolheu vários que tratavam de invenções mecânicas, Klaus se abasteceu de diversos volumes sobre lobos, e Sunny descobriu um livro com muitas figuras de dentes. Em seguida, foram para o seu quarto e se acotovelaram na cama única, lendo com atenção e na maior felicidade. Figuradamente, eles escaparam ao conde Olaf e a sua existência miserável. Não escaparam literalmente, porque continuavam na casa dele e vulneráveis aos seus maléficos procedimentos in loco parentis. Mas ao mergulhar nos seus temas de leitura preferidos, sentiam-se bem longe do seu sufoco, como se tivessem escapado. É claro que considerando a questão do ângulo de sua situação real, "escapar figuradamente não era o bastante, mas, no fim de um dia cansativo e desanimador, era a solução possível. Violet, Klaus e Sunny leram seus livros e mantiveram bem acesa, no fundo, no fundo, a esperança de que em breve sua fuga figurada acabaria se transformando numa fuga literal.



CAPÍTULO SEIS

Na manhã seguinte, quando as crianças saíram cambaleando de sono do quarto para a cozinha, em vez de um bilhete do conde Olaf encontraram o próprio conde Olaf.

"Bom dia, órfãos", disse ele. "Já preparei o mingau de aveia para vocês. Está nas tigelas."

As crianças sentaram-se à mesa da cozinha e olharam aflitas para o mingau de aveia. Se vocês conhecessem o conde Olaf, e ele de repente lhes servisse: uma refeição, não teriam medo de que houvesse algo terrível dentro dela, como veneno ou vidro mofo do? Em vez disso, Violet, Klaus e Sunny verificaram que em cima de cada um dos mingaus foram postas framboesas frescas. Os órfãos Baudelaire não comiam framboesa desde a morte de seus pais, embora fosse uma sobremesa que adoravam.

"Obrigado", disse Klaus, pegando uma das framboesas e examinando-a cuidadosamente. Talvez fossem framboesas envenenadas disfarçadas de framboesas deliciosas. Ao ver a desconfiança com que Klaus olhava para as frutinhas, o conde Olaf sorriu, catou uma framboesa da tigela de Sunny. Encarando cada um dos três meninos, jogou-a para dentro da boca e a comeu.

"Framboesa não é uma coisa deliciosa?", perguntou. "Era a minha fruta preferida quando eu tinha a idade de vocês."

Violet tentou imaginar o conde Olaf criança, mas não conseguiu. Seus olhos faiscantes, as mãos ossudas e o sorriso velado pareciam coisas que só os adultos possuem. Apesar do medo que sentia dele, entretanto, segurou a colher com a mão direita e começou a comer seu mingau de aveia. O conde Olaf tinha provado dele, de modo que não devia estar envenenado, e de qualquer forma ela estava com muita fome. Klaus começou a comer também. O mesmo fez Sunny, que espalhou mingau de aveia e framboesas pela cara toda.

"Recebi um telefonema ontem", disse o conde Olaf, "do sr. Poe. Ele me contou que vocês foram lhe fazer uma visita."

As crianças trocaram olhares. Haviam esperado que o caráter confidencial da visita fosse respeitado, frase que aqui significa "a visita fosse mantida em segredo entre o sr. Poe e eles, e não passada adiante em fofoca para o conde Olaf".

"O sr. Poe me disse", continuou o conde Olaf, "que vocês pareciam estar encontrando dificuldade para se adaptar à vida que tão generosamente tenho proporcionado a vocês. Lamento muito saber disso."

Os meninos olharam para o conde Olaf. Ele tinha a fisionomia muito séria, como se de fato lamentasse muito saber daquilo, mas seus olhos faiscavam com o brilho característico que a gente vê nos olhos de quem está falando de brincadeira.

"É mesmo?", disse Violet. "Lamento que o sr. Poe tenha importunado o senhor."

"Gostei dele ter feito isso", disse o conde Olaf, "porque desejo que vocês três se sintam aqui como em sua casa, agora que sou o pai de vocês." Os meninos estremeceram um pouco ao ouvir isso, lembrando-se do bom pai que haviam tido e fitando tristemente o pobre substituto sentado na frente deles, do outro lado da mesa.

"Ultimamente", disse o conde Olaf, "as preocupações com minha atuação no espetáculo da companhia teatral têm me deixado muito nervoso, e meu comportamento pode ter sido um tanto reservado."

Reservado é uma ótima palavra, mas não descreve em absoluto o comportamento do conde Olaf para com os jovens Baudelaire. Significa "relutante em se relacionar com os outros", e serviria para descrever alguém que, numa festa, se isola num canto e não conversa com ninguém. Não serviria para descrever quem oferece uma só cama para três pessoas dormirem, força essas três pessoas a prestar serviços horríveis e bate na cara delas. Há muitas palavras para definir gente desse tipo, mas reservado não se encaixa de maneira nenhuma. Klaus sabia o significado dessa palavra e quase deu uma gargalhada diante do uso incorreto que o conde Olaf fez dela. Porém a marca do machucado continuava em seu rosto, de modo que Klaus ficou em silêncio.

"Assim sendo, para que vocês se sintam um pouco mais em casa aqui, gostaria que participassem da próxima peça que encenarei. Talvez, se estiverem integrados ao meu trabalho, seja menos provável vocês irem correndo se queixar ao sr. Poe."

"De que modo participaríamos?", perguntou Violet. Ela estava pensando em todos os serviços que os Baudelaire já faziam para o conde, e não estava a fim de que ficassem ainda mais sobrecarregados.

"Bem", disse o conde Olaf com os olhos faiscando animadamente, "a peça se chama O casamento maravilhoso, e foi escrita pelo grande

dramaturgo Ivon Culto. Daremos um único espetáculo, esta sexta-feira à noite. É sobre um homem muito corajoso e inteligente, que eu interpreto. No final, esse homem se casa com a jovem e bela mulher que ele ama, diante de uma multidão de figurantes que brindam e dão vivas com entusiasmo. Você, Klaus, e você, Sunny, estarão entre os figurantes que brindam e dão vivas."

"Mas somos mais baixos que a maioria dos adultos", disse Klaus. "O público não vai achar estranho?"

"Vocês farão dois anões que assistem ao casamento", disse Olaf com a maior paciência.

"E eu faço o quê?", perguntou Violet. "Tenho muito jeito com ferramentas, talvez pudesse ajudar a montar o cenário."

"Montar o cenário? Deus do céu, nada disso", falou o conde Olaf. "Uma menina linda como você não pode ficar escondida nos bastidores."

"Mas eu gostaria", disse Violet.

A sobrancelha do conde Olaf se ergueu ligeiramente, e os órfãos Baudelaire reconheceram esse sinal, que indicava sua raiva. Mas a sobrancelha voltou a baixar, e ele fez força para manter a calma. "Acontece que eu tenho um papel importante para você no palco", disse ele. "Você vai interpretar a moça com quem eu me caso."

Violet sentiu o mingau de aveia e as framboesas girarem no seu estômago como se ela houvesse acabado de pegar uma gripe. Já era ruim demais ter o conde Olaf agindo in loco parentis e se proclamando seu pai, mas considerar esse homem seu marido, ainda que só para os efeitos de uma peça de teatro, era o que podia haver de mais horrível.

"É um papel muito importante", prosseguiu ele, curvando os cantos da boca num sorriso não convincente, "embora sua fala seja apenas um 'sim' quando a juíza Strauss lhe pergunta se me aceita como esposo."

"A juíza Strauss?", disse Violet. "O que é que ela tem a ver com isso?"

"Ela concordou em fazer o papel de juiz", disse o conde Olaf. Por trás dele, um dos olhos pintados na parede da cozinha observava atentamente cada uma das crianças Baudelaire. "Pedi à juíza Strauss que participasse da peça porque quis me sentir um bom vizinho, além de um bom pai."

"Conde Olaf", disse Violet, mas em seguida se interrompeu. Ela queria justificar com argumentos seu propósito de não fazer o papel da noiva, mas também não queria que ele se zangasse. "Pai", disse ela, "não sei se tenho talento bastante para interpretar profissionalmente. Não gostaria de causar danos ao seu bom nome nem ao nome de Ivon Culto. Além do mais, estarei ocupadíssima nas próximas semanas, trabalhando em minhas invenções... e aprendendo a fazer rosbife", apressou-se a acrescentar, bem lembrada de como ele havia reagido ao jantar que prepararam. O conde Olaf estendeu uma

das mãos em feitio de aranha e segurou Violet pelo queixo, olhando fundo nos seus olhos. “Você vai”, disse ele, “participar desse espetáculo teatral. Eu preferiria que você participasse voluntariamente, mas acredito que o sr. Poe tenha lhe explicado que posso mandá-la participar e você tem que obedecer.” As unhas afiadas e sujas dos dedos do conde Olaf arranharam delicadamente o queixo de Violet, o que lhe provocou arrepios. A cozinha ficou no maior silêncio, até que Olaf soltou o queixo de Violet, levantou-se e saiu sem dizer nada. Os jovens Baudelaire ouviram os seus passos pesados subindo os degraus para chegar torre, onde eles estavam proibidos de entrar.

“Bom”, disse Klaus, meio hesitante, “acho que não vai ser nenhum sofrimento participar da peça. Isso parece ser muito importante para ele, e não nos interessa que ele fique contra nós.”

“É, mas alguma ele deve estar aprontando”, disse Violet.

“Você acha que aquelas framboesas estavam envenenadas?”, perguntou Klaus, preocupado.

“Não”, disse Violet. “Olaf está atrás da fortuna que herdaremos. Nossa morte não lhe traria nenhum benefício.”

“Mas que benefício vai trazer a ele a nossa participação nessa bobagem dessa peça?”

“Não sei”, admitiu Violet, consternada. Levantou-se e começou a lavar as tigelas de mingau de aveia.

“Gostaria que soubéssemos um pouco mais sobre o que a lei estabelece a respeito de heranças”, disse Klaus. “Aposto que o conde Olaf bolou algum plano para ficar com nosso dinheiro, mas não imagino qual possa ser.”

“Acho que poderíamos perguntar sobre isso ao sr. Poe”, disse Violet sem muita convicção, quando Klaus se pôs a seu lado para ajudar a lavar os pratos. “Ele conhece todas aquelas expressões jurídicas em latim.”

“Mas muito provavelmente o sr. Poe telefonaria de novo para o conde Olaf, e aí ele ficaria sabendo que estamos de olho nele”, observou Klaus. “Talvez fosse melhor tentarmos conversar com a juíza Strauss. Ela é juíza, e deve saber tudo sobre leis.”

“É, mas ela também é vizinha de Olaf”, argumentou Violet, “e poderia contar para ele a pergunta que fizemos.”

Klaus tirou os óculos, o que tinha o costume de fazer quando se esforçava muito para pensar. “Como poderíamos nos informar sobre essa lei sem Olaf ficar sabendo?”

“Liiiv!”, gritou Sunny de repente. Ela provavelmente quis dizer algo como: “Alguém, por favor, limpe a minha cara!”, mas sua manifestação levou Violet e Klaus a olharem um para o outro. Liiiv... Os dois tiveram o mesmo pensamento: é claro que a juíza Strauss deveria ter um livro sobre leis de

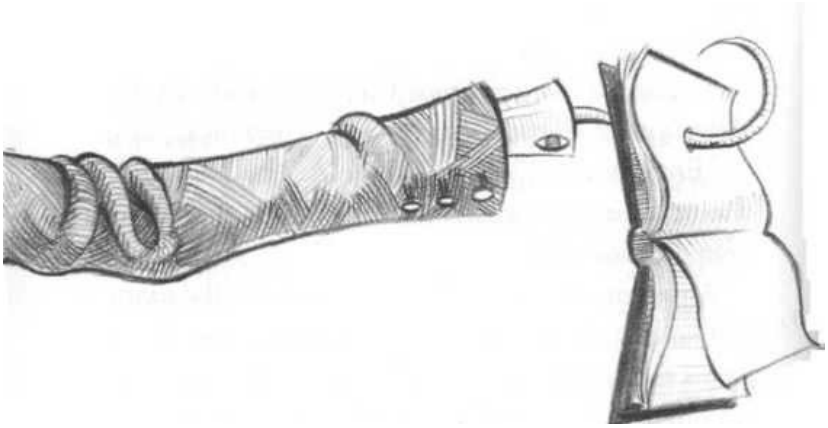
herança.

"O conde não deixou nenhum serviço para nós", disse Violet, "por isso acho que vamos ter uma chance de ir visitar a juíza Strauss e sua biblioteca." Klaus sorriu. "Isso mesmo!", disse. "E sabe de uma coisa? Acho que hoje não vou escolher um livro sobre lobos."

"Nem eu", disse Violet, "vou escolher nenhum sobre engenharia mecânica. Estou pensando em ler alguma coisa relacionada com leis de herança."

"Então vamos!", disse Klaus. "A juíza falou que não tardássemos a aparecer, e não vamos querer dar lima de reservados."

Ante a menção da palavra que o conde Olaf usara de maneira tão ridícula, os órfãos Baudelaire caíram lodos na risada, até mesmo Sunny, cujo vocabulário obviamente não era grande coisa. Apressaram-se em guardar as tigelas limpas nos armários, que os encararam com seus olhos pintados. Em seguida, os três correram para a casa vizinha. Faltavam poucos dias para a sexta-feira em que o espetáculo seria encenado, e os jovens Baudelaire queriam descobrir o mais rápido possível qual era o plano do conde Olaf.



CAPÍTULO SETE

Há muitos tipos de livros no mundo, o que faz sentido, porque há muitos e muitos tipos de pessoas, e os gostos são diferentes. Por exemplo, pessoas que detestam histórias em que acontecem coisas horríveis a criancinhas deveriam fechar este livro imediatamente. Mas um tipo de livro que praticamente ninguém gosta de ler é um livro de direito. Os livros de direito têm fama de ser muito compridos, muito chatos e muito difíceis de ler. Essa é uma das razões por que os advogados ganham rios de dinheiro. O dinheiro é um incentivo - a palavra incentivo aqui quer dizer "recompensa oferecida a alguém para que faça algo que não quer fazer" - para ler livros compridos, chatos e difíceis. Os jovens Baudelaire tinham um incentivo um pouco diferente para ler esses livros, é claro. Seu incentivo não eram rios de dinheiro, e sim impedir o conde Olaf de cometer algo horrível contra eles que lhe permitiria ganhar rios de dinheiro. Mas, mesmo com esse incentivo, achar o seu caminho no emaranhado dos livros jurídicos da biblioteca particular da juíza Strauss era um trabalho verdadeiramente insano.

"Deus do céu", exclamou a juíza Strauss, quando entrou na biblioteca e viu o que estavam lendo. Ela havia aberto a porta para eles, mas logo em seguida se metera no quintal, às voltas com seus trabalhos de jardinagem, deixando os órfãos Baudelaire se virarem sozinhos no meio de sua gloriosa coleção de livros. "Pensei que vocês estivessem interessados em engenharia mecânica, animais da América do Norte e dentes. Têm certeza de que querem ler esses enormes livros jurídicos? Nem mesmo eu gosto de lê-los, e olhem que o direito é o meu campo de trabalho."

"Na verdade", mentiu Violet, "acho que são uma leitura muito interessante, juíza Strauss."

"Eu também", disse Klaus. "Violet e eu estamos pensando em estudar direito, por isso estamos fascinados por estes livros."

"Bem", disse a juíza Strauss, "em todo caso, Sunny certamente não está

interessada. Que tal ela vir me ajudar na jardinagem?"

"Uipi!", gritou Sunny, o que significava: "Bem que eu prefiro jardinagem a ficar aqui sentada olhando meus irmãos quebrarem a cabeça para decifrar esses livros jurídicos".

"Bom, é só ter cuidado para ela não comer terra", disse Klaus, entregando a caçula à juíza.

"Claro", disse a juíza Strauss. "Quem gostaria que ela ficasse doente às vésperas do grande espetáculo."

Violet e Klaus se entreolharam. "A senhora está entusiasmada com a peça?", perguntou Violet, meio hesitante.

O rosto da juíza Strauss se iluminou. "Ah, com certeza!", disse. "Eu sempre quis subir ao palco, desde garotinha. E agora o conde Olaf me deu a oportunidade de viver o sonho de minha vida. Vocês não estão emocionados por participar de uma peça de teatro?"

"Acho que estamos", disse Violet.

"Mas claro que estão!", disse a juíza, com estrelas nos olhos e Sunny nas mãos. Retirou-se da biblioteca, e Violet e Klaus olharam um para o outro e suspiraram.

"Ela está tomada de paixão pelo teatro", disse Klaus. "Não vai acreditar de jeito nenhum que o conde Olaf está aprontando alguma."

"De qualquer forma, ela não iria nos ajudar", observou Violet melancolicamente.

"Ela é juíza e logo viria com a baboseira do in loco parentis, tal como o sr. Poe."

"Por isso é que temos que descobrir um motivo legal para impedir o espetáculo", disse Klaus com firmeza. "Você ainda não encontrou nada no seu livro?"

"Nada que preste", disse Violet, baixando os olhos para um pedaço de papel onde vinha fazendo anotações. "Há cinquenta anos houve uma mulher que deixou uma enorme fortuna para uma fuinha de que ela cuidava, e nem um centavo para seus três filhos. Os filhos tentaram provar que a mulher não estava em seu juízo perfeito, para ficarem com o dinheiro."

"E o que aconteceu depois?", perguntou Klaus.

"Acho que a fuinha morreu", respondeu Violet, "mas não tenho certeza. Algumas palavras preciso olhar no dicionário."

"De qualquer forma, não creio que esse caso possa nos ajudar", disse Klaus.

"Talvez o conde Olaf esteja querendo provar que nós não estamos em

nosso juízo perfeito, para avançar no dinheiro", disse Violet.

"Mas por que o fato de nos fazer participar de O casamento maravilhoso provaria que não estamos em nosso juízo perfeito?", perguntou Klaus.

"Não sei", admitiu Violet. "Estou atrapalhada." E você, descobriu alguma coisa?"

"Aí pela época da sua dona da fuinha", disse Klaus, folheando um livro enorme que estivera lendo, "um grupo de atores fez uma encenação do Macbeth, de Shakespeare, em que nenhum deles aparecia vestido com roupa nenhuma." Violet enrubesceu. "Você está me dizendo que eles se apresentaram nus?"

"Por pouco tempo", disse Klaus, sorrindo. "A polícia chegou e não deixou o espetáculo prosseguir. Acho que esse caso também não nos ajuda. Foi só uma leitura interessante."

Violet suspirou. "Talvez o conde Olaf não esteja aprontando nada", disse. "Não estou interessada em atuar na peça dele, mas vai ver que estamos nos preocupando sem razão. Talvez o conde Olaf esteja simplesmente querendo nos acolher na família."

"Como pode dizer uma coisa dessas?", vociferou Klaus. "Ele me bateu no rosto!"

"Mas não há como ele se apoderar de nossa fortuna simplesmente nos botando numa peça", disse Violet. "Está me cansando a vista ficar lendo estes livros, Klaus, e sem nenhum proveito. Vou lá fora ajudar a juíza Strauss no jardim." Klaus olhou para a irmã, que deixava a biblioteca, e sentiu um desânimo baixar sobre ele. O dia do espetáculo estava próximo, e ele nem sequer tinha conseguido entender o plano do conde Olaf, muito menos bolar uma forma de impedir que desse certo. Durante toda a sua vida Klaus havia acreditado que bastava uma pessoa ler muitos livros para ser capaz de resolver qualquer problema. Agora, não linha tanta certeza disso.

"Você aí!" Uma voz vinda do umbral da porta tirou Klaus bruscamente de seus pensamentos. "O conde Olaf mandou que eu viesse chamá-lo. Você tem que voltar já para casa."

Klaus se virou e viu um dos membros da trupe do conde Olaf, aquele que tinha ganchos no lugar das mãos, junto à porta. "Que diabo você está fazendo nesta sala velha com cheiro de mofo?", perguntou com uma voz que era um verdadeiro grasnado, enquanto avançava na direção em que Klaus estava sentado. Apertando seus olhos miúdos e redondos, leu o título de um dos livros. "Aspectos jurídicos da herança e suas implicações?", disse rispidamente. "Por que que está lendo isso?"

"O que você acha?", disse Klaus.

"Vou já lhe dizer o que eu acho." O homem apoiou um dos seus terríveis

ganchos no ombro de Klaus. “Acho que você deveria ser proibido de entrar de novo nesta biblioteca, pelo menos até sexta-feira. Não queremos ter um garotinho tramando coisas. E me diga: onde estão sua irmã e aquele bebê abominável?”

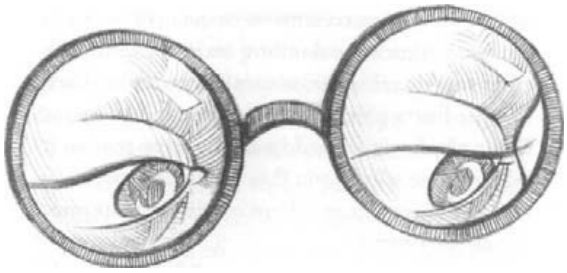
“Foram para o jardim”, disse Klaus, afastando o gancho com um movimento dos ombros. “Por que não vai atrás delas?”

O homem se inclinou até o rosto dele ficar a poucos centímetros do de Klaus, tão perto que seus traços fisionômicos se converteram num borrão aos olhos do menino.

“Escute aqui, garotinho, preste bem atenção”, disse, exalando um hálito pestilento a cada palavra pronunciada. “A única razão do conde Olaf não o ter rasgado ao meio é que ele ainda não conseguiu pôr as mãos no seu dinheiro. Ele permite que você continue vivo enquanto não leva a cabo seus planos. Mas faça a você mesmo esta pergunta, seu rato de biblioteca: que motivo ele terá para poupar a sua vida depois de haver conseguido o seu dinheiro? O que é que você acha que vai acontecer com você então?” Klaus sentiu um arrepio gelado perpassar por seu corpo quando aquele sujeito horrível falou. Nunca estivera tão aterrorizado em toda a vida. Seus braços e pernas se achavam numa tremedeira incontrolável, como se ele estivesse tendo um ataque ou coisa parecida. A boca produzia sons estranhos, iguais aos de Sunny, enquanto lutava para encontrar o que dizer. “Ah...”, Klaus soltou, para não sufocar. “Ah...”

“Quando chegar a hora”, o homem das mãos de gancho disse, amaciando a voz e ignorando os sons de Klaus, “imagino que o conde Olaf simplesmente o deixará por minha conta. De modo que, se eu fosse você, procuraria começar a ser um pouco mais gentil.” O homem se levantou de novo e pôs os dois ganchos diante do rosto de Klaus, fazendo a luz das lâmpadas de leitura se refletir naquelas ferramentas sinistras. “Agora, me dê licença, que vou buscar os outros pobres órfãos.” Klaus sentiu o corpo se afrouxar quando o homem das mãos de gancho deixou a sala, e teve vontade de sentar ali por um instante e retomar a respiração. Mas o pensamento trabalhava sem parar, não lhe permitindo a pausa. Eram seus últimos momentos na biblioteca, e talvez a última oportunidade de impedir a consumação do plano do conde Olaf. Mas o que fazer? Escutando os sons amortecidos que chegavam da conversa do homem dos ganchos com a juíza Strauss no jardim, Klaus fixou a atenção mais uma vez nos livros ao seu redor e se pôs a buscar freneticamente alguma coisa que pudesse ajudar. Então, assim que ele ouviu os passos do homem que retomava, bateu os olhos num livro, tirou-o da estante com a rapidez de um raio e o escondeu sob a camisa. Já havia enfiado a camisa dentro das calças quando o homem das mãos de gancho transpôs a entrada da biblioteca acompanhando Violet e trazendo no colo Sunny, que tentava sem sucesso morder os ganchos do sujeito.

“Estou pronto para ir”, disse Klaus sem demora, e se dirigiu para a porta antes que o homem pudesse observá-lo com mais atenção. Caminhava ligeiro à frente das irmãs, esperando que não desse para ninguém notar o volume por baixo de sua camisa. Podia ser - quem sabe? - que o livro contrabandeado por Klaus significasse a salvação da vida deles.



CAPÍTULO OITO

Klaus passou a noite inteira lendo, o que era algo que ele normalmente adorava fazer. Quando seus pais ainda estavam vivos, Klaus costumava levar uma lanterna para a cama, se esconder debaixo das cobertas e ler até não conseguir mais manter os olhos abertos. Certas manhãs, seu pai entrava no quarto para acordá-lo e encontrava Klaus adormecido com a lanterna numa das mãos e o livro na outra. Mas nessa noite de que estamos tratando, é claro, as circunstâncias eram muito diferentes. Klaus se postou junto à janela, apertando os olhos para ler, à tênue luz da lua por ela filtrada, o livro que contrabandeara. Vez por outra dava uma espiada nas irmãs. Violet estava dormindo de modo descontínuo - expressão que aqui significa "mexendo-se e virando-se com muita frequência" - na cama com aqueles calombos todos, e Sunny se envolvera de tal maneira no amontoado de cortinas que ficara parecendo uma trouxinha de pano. Klaus não havia contado nada do livro para as irmãs, porque não queria lhes dar falsas esperanças. Não tinha certeza se o livro os ajudaria mesmo a sair do seu dilema. Era um livro de texto longo e difícil, e Klaus foi ficando cada vez mais cansado à medida que transcorria a noite. Seus olhos às vezes se fechavam. Pegou-se lendo a mesma frase de novo, e de novo, e de novo. Pegou-se lendo a mesma frase de novo, e de novo, e de novo. Pegou-se lendo a mesma frase de novo, e de novo, e de novo. Mas aí lhe vinha à lembrança como haviam brilhado as mãos de gancho do colega do conde Olaf na biblioteca, e ele então as imaginava dilacerando sua carne, e mais que depressa acordava e retomava a leitura. Encontrou um pedaço de papel que não prestava para nada, rasgou-o em pequenas tiras e as aproveitou para marcar passagens significativas do livro.

Quando a luz de fora passou a se tornar acinzentada com a aproximação do dia, Klaus já havia descoberto tudo o que precisava saber. Suas esperanças se levantaram junto com o sol. Finalmente, logo que os primeiros pássaros começaram a cantar, Klaus caminhou na ponta dos pés até a porta do quarto, abriu-a devagarinho, com o máximo cuidado para não tirar do seu sono sempre incompleto Violet e Sunny (esta ainda embrulhada no amontoado de cortinas), e seguiu para a cozinha, onde sentou e ficou à espera do conde Olaf.

Não precisou esperar muito até ouvir os passos do conde descendo

atropeladamente os degraus da torre. Ao entrar na cozinha e ver Klaus sentado à mesa, o conde Olaf deu um sorriso oblíquo, expressão que aqui significa "sorriu de maneira inamistosa e afetada".

"Olá, órfão", disse ele. "Acordou cedo."

O coração de Klaus batia acelerado, mas ele se sentiu calmo na aparência, como se estivesse coberto por uma couraça invisível. "Passei a noite em claro", disse, "lendo este livro." Pôs o livro sobre a mesa para que Olaf pudesse vê-lo. "Intitula-se Direito Nupcial", disse Klaus, "e me ensinou muitas coisas interessantes."

O conde Olaf pegara uma garrafa de vinho para se servir da bebida como café da manhã, mas assim que viu o livro, interrompeu o que estava fazendo e sentou-se.

"A palavra nupcial", disse Klaus, "significa 'relativo a casamento.'

"Eu sei o que a palavra significa", resmungou o conde. "Onde foi que você arranjou esse livro?"

"Na biblioteca da juíza Strauss", disse Klaus. "Mas isso não interessa. O que interessa é que descobri qual é o seu plano."

"É mesmo?", disse o conde Olaf, erguendo sua sobrancelha tipo duas-em-uma.

"Pois então me diga qual é o meu plano, seu fedelho atrevido." Klaus ignorou o insulto e abriu o livro na página marcada por uma das tiras de papel. "As leis sobre casamento nesta comunidade são muito simples", ele leu em voz alta. "Tudo o que se exige é o seguinte: a presença de um juiz, uma declaração de sim pronunciada pela noiva e pelo noivo, e a assinatura pelo próprio punho da noiva de um documento explanatório." Klaus baixou o livro e observou para o conde Olaf: "Se minha irmã disser 'sim' e assinar um pedaço de papel na presença da juíza Strauss, estará legalmente casada. Essa peça que o senhor está montando não deveria se chamar O casamento maravilhoso, mas O casamento ameaçador. O senhor não vai se casar com Violet no sentido figurado... o senhor vai se casar com ela literalmente! Essa peça não é um faz-de-conta; é um compromisso real e amparado na lei". O conde Olaf deu uma gargalhada grosseira. "Sua irmã não tem idade para se casar."

"Ela pode se casar se tiver a permissão de seu tutor legal agindo in loco parentis", disse Klaus. "Li isso também. Não adianta querer me enganar."

"Por que razão do mundo eu haveria de querer me casar com sua irmã?", perguntou o conde Olaf. "Não resta dúvida de que ela é muito bonita, mas um homem como eu tem condições de conseguir as mulheres bonitas que quiser, e quantas quiser." Klaus passou a um capítulo diferente do Direito Nupcial. "Um esposo legal", leu em voz alta, "tem o direito de controle sobre qualquer dinheiro em cuja posse se ache sua esposa legal." Klaus encarou o conde Olaf

com expressão triunfante. “O senhor vai se casar com minha irmã para ter o controle da fortuna dos Baudelaire! Ou, pelo menos, foi o que o senhor planejou fazer. Mas quando eu mostrar essa informação ao sr. Poe, sua peça não será apresentada, e o senhor irá para a cadeia!” Os olhos do conde Olaf brilharam com intensidade muito maior, mas ele continuou a sorrir obliquamente para Klaus. Isso foi surpreendente. Klaus esperava que, quando lhe anunciasse o que sabia, aquele homem horrível ficasse furioso, até violento. Afinal de contas, ele não havia explodido daquela forma absurda só porque queria rosbife em vez de macarrão à puttanesca? Sem sombra de dúvida, a descoberta de seu plano teria que enraivecê-lo muito mais. No entanto, o conde Olaf continuou sentado, com a mesma calma de quem estivesse discutindo se iria chover ou fazer sol.

“Acho que você me pegou direitinho”, disse Olaf simplesmente. “Tem razão: eu vou para a cadeia enquanto você e as órfãs ganham sua liberdade. Mas então por que não sobe ao quarto e acorda suas irmãs? Elas vão ficar encantadas, tenho certeza, quando souberem de sua grande vitória sobre minhas maquinações perversas. Klaus olhou bem de perto para o conde Olaf, que continuava sorrindo como se houvesse acabado de contar uma piada inteligente. Por que não ameaçava Klaus num acesso de fúria, ou não arrancava os próprios cabelos no auge da frustração, ou não corria para fazer as malas e fugir? As coisas absolutamente não estavam acontecendo como Klaus tinha previsto.

“Pois bem, eu vou contar para as minhas irmãs”, disse ele, e voltou para o quarto. Violet continuava cochilando na cama, e Sunny continuava embrulhada nas cortinas. Klaus acordou primeiro Violet.

“Passei a noite toda em claro, lendo”, disse Klaus de um só fôlego, assim que a irmã abriu os olhos, “e descobri o que o conde Olaf está aprontando. a plano dele é casar-se com você de verdade, quando você e a juíza Strauss e todos estiverem pensando que tudo não passa de uma peça, e uma vez que ele se torne seu marido, terá controle sobre o dinheiro de nossos pais e fará conosco o que bem entender.”

“Mas como ele pode se casar comigo de verdade?”, perguntou Violet. “É só uma peça.”

“A única exigência legal para o casamento nesta comunidade”, explicou K1aus, erguendo bem visível o Direito nupcial a fim de mostrar a sua irmã onde colhera a informação, “é você dizer ‘sim’ e assinar um documento por seu próprio punho na presença de um juiz... como a juíza Strauss!”

“Mas não tenho idade suficiente para casar, é claro, disse Violet. “Tenho só catorze anos.”

“Moças menores de dezoito anos”, disse Klaus, correndo os dedos pelas folhas do livro até chegar a uma outra página marcada, “podem se casar se tiverem a permissão de seu tutor legal. No caso, o conde Olaf.”

“Oh, não!”, exclamou Violet. “O que podemos fazer?”

“Podemos mostrar isto ao sr. Poe”, disse Klaus, apontando para o livro, “e ele finalmente vai acreditar quando dizemos que o conde Olaf não é flor que se cheire. Vista-se depressa enquanto eu acordo Sunny, e vamos chegar ao banco na hora em que ele abre.”

Violet, que em geral se movimentava devagar pela manhã, concordou com um gesto de cabeça e na mesma hora pulou da cama e foi até a caixa de papelão procurar uma roupa decente para vestir. Klaus remexeu na trouxa de cortinas para acordar a irmã caçula.

“Sunny”, ele chamou, carinhosamente, pondo a mão onde achava que estivesse a cabeça da irmã. “Sunny.”

Não houve resposta. Klaus tornou a chamar “Sunny”, e afastou a dobra superior das cortinas para acordar a pequena Baudelaire. “Sunny”, disse mais uma vez, mas aí se deteve. Porque, debaixo da cortina, tudo o que havia era outra cortina. E, assim, com todas as camadas de cortinas, mas sua irmãzinha não estava em lugar nenhum. “Sunny!”, gritou ele, olhando para todos os lados do quarto. Violet deixou cair o vestido que estava segurando e começou a ajudá-lo na procura. Esquadrinharam canto por canto, olharam debaixo da cama e até mesmo dentro da caixa de papelão. Mas Sunny tinha sumido.

“Onde ela pode estar?”, perguntou Violet, preocupada. “Ela não é de fugir.”

“Realmente, onde ela pode estar?”, disse uma voz atrás deles, e as duas crianças se viraram. O conde Olaf se encontrava na soleira da porta, observando Violet e Klaus em sua busca pelo quarto. Os olhos dele estavam brilhando mais do que nunca, e ele continuava com aquele sorriso de quem acabou de contar uma piada.



CAPÍTULO NOVE

“De fato”, prosseguiu o conde Olaf, “é estranho, não resta dúvida, dar pela falta de uma criança. E logo uma criança tão pequena e indefesa.”

“Onde está Sunny?”, gritou Violet. “O que é que você fez com ela?” O conde Olaf continuou a falar como se não tivesse ouvido Violet. “Por outro lado, vemos coisas estranhas acontecerem todos os dias. Na verdade, se vocês dois, órfãos, me acompanharem até o quintal, acho que nós todos veremos algo bem fora do comum.”

Os jovens Baudelaire, sem dizer nada seguiram o conde Olaf casa adentro e com ele saíram pela porta dos fundos. Violet olhou à sua volta examinando o miúdo e esquálido quintal onde ela não pusera mais os pés desde quando nele fora forçada a cortar lenha juntamente com Klaus. A lenha continuava empilhada no mesmo lugar e do mesmo jeito que eles a haviam deixado, como se o conde Olaf os tivesse mandado fazer aquele trabalho sem a menor necessidade ou finalidade, só para ele próprio se divertir. Violet teve um arrepio, pois ainda estava de camisola; olhou para todos os lados e não conseguiu descobrir nada fora do comum.

“Vocês não estão olhando para o lugar certo”, disse o conde Olaf. “Para crianças que leem tanto, meu Deus, vocês dois revelam uma gritante falta de inteligência.”

Violet olhou na direção do conde, mas evitou os olhos dele. Os olhos que ele tinha no rosto, quero dizer. Ela estava olhando para os pés dele, e viu também ali, tatuado, o olho que estivera vigiando os órfãos Baudelaire desde que seus tormentos começaram. Em seguida, os olhos dela foram subindo pelo corpo magrelo e miseravelmente vestido do conde Olaf, até ela perceber que ele apontava para cima com sua mão ossuda. Seguiu o gesto dele e se viu olhando para a torre proibida. Era feita de pedra terrosa, malcuidada, com uma única janela solitária, e junto a essa janela havia algo de que se tinha uma visão pouco nítida, mas que parecia ser uma gaiola.

“Oh, não!”, disse Klaus com uma vozinha assustada, o que levou Violet a olhar com mais atenção para a janela. Era mesmo uma gaiola, oscilando na janela da torre como uma bandeira ao vento, mas dentro da gaiola ela conseguiu ver uma Sunny encolhida e apavorada. Observando melhor, Violet notou que a irmã tinha uma faixa amarrada na boca e cordas enroladas no corpo. Estava inteiramente presa.

“Solte a menina!”, disse Violet para o conde Olaf. “Ela não lhe fez nada! É um bebê!”

“Bom, vejamos”, disse o conde Olaf, sentando-se num cepo. “Se vocês quiserem mesmo que eu a solte, eu faço isso. Mas até uns fedelhos idiotas como vocês são capazes de perceber que se eu a soltar - ou, mais exatamente, se eu pedir a meu camarada que a solte -, a pobrezinha da Sunny pode não resistir à queda. Essa torre tem quase dez metros de altura, ou seja, é muito alta para uma criaturinha tão pequena despencar dali, ainda que esteja dentro de uma gaiola. Mas se insistem...”

“Não!”, gritou Klaus. “Não faça isso!” Violet olhou nos olhos do conde Olaf, depois para o pequeno vulto que era sua irmã, pendurada no topo da torre e balançando levemente na brisa. Imaginou Sunny desabando do alto da torre até o chão, imaginou os últimos pensamentos da irmã, que seriam de puro terror. “Por favor”, disse a Olaf, sentindo as lágrimas brotarem em seus olhos. “Ela é só um bebê. Faremos qualquer coisa, qualquer coisa. Mas não lhe faça mal.”

“Qualquer coisa?”, perguntou o conde Olaf, erguendo a sobrancelha. Inclinou-se para Violet e a olhou nos olhos. “Qualquer coisa? Você concordaria, por exemplo, em se casar comigo durante o espetáculo de amanhã à noite?”

Violet o encarou. Teve uma estranha sensação no estômago, como se fosse ela a que estava sendo jogada de grande altura. O que havia de realmente assustador em Olaf, ela se deu conta, era a sua inegável esperteza. Não se tratava apenas de um bêbado grosseirão e desagradável, mas de um bêbado grosseirão, desagradável e esperto.

“Enquanto vocês estavam ocupados lendo livros e fazendo acusações”, disse o conde Olaf, “eu mandei um dos meus mais silenciosos e sorrateiros assistentes penetrar no seu quarto e sequestrar Sunny. Ela está em segurança, por enquanto. Mas eu a vejo como se fosse uma vara pronta para baixar no traseiro de uma mula teimosa.”

“Nossa irmã não é nenhuma vara”, disse Klaus.

“Uma mula teimosa”, explicou o conde, “não caminha na direção desejada por seu dono. Nesse sentido, é como vocês, garotos, que insistem em contrariar meus planos. Qualquer dono de animal lhes dirá que uma mula

teimosa caminhará na direção desejada contanto que haja uma cenoura diante dela e uma vara atrás. Ela se moverá avançando para a cenoura, porque quer a recompensa da comida, e fugindo da vara, porque não quer ser castigada pela dor. Da mesma forma, vocês farão o que eu mandar, para evitar o castigo de perder sua irmã, e porque querem a recompensa de sobreviver a esta experiência. Muito bem, Violet, deixe-me perguntar mais uma vez: você quer se casar comigo?"

Violet engoliu em seco e baixou os olhos para a tatuagem do conde Olaf. Não conseguia responder.

"Mas o que é isso?", disse o conde Olaf, com uma voz que fingia carinho. Estendeu a mão e acariciou os cabelos de Violet. "Seria assim tão terrível você ser minha noiva, morar em minha casa o resto da vida? Você é uma moça tão adorável, depois de casados eu não me livraria de você como de seu irmão e de sua irmã." Violet se imaginou dormindo ao lado do conde Olaf, acordando todas as manhãs e olhando para aquele homem horrível. Imaginou-se rodando pela casa, tentando evitá-lo o dia inteiro, e cozinhando para seus horríveis amigos à noite, talvez todas as noites, para o resto de sua vida. Mas foi só olhar para a irmã indefesa, que não teve mais dúvidas sobre qual deveria ser sua resposta. "Se libertar Sunny", disse em mente, "eu me caso com você".

"Libertarei Sunny", respondeu o conde, "depois do espetáculo de amanhã à noite. Até lá, ela continuará na torre, por precaução. E vou avisando que meus assistentes montarão guarda na porta da escada da torre, isso para o caso de vocês terem alguma ideia boba."

"Você é um homem terrível", disse Klaus, espumando de raiva, mas o conde Olaf simplesmente sorriu outra vez.

"Pode ser que eu seja um homem terrível", disse, "mas a verdade é que fui capaz de bolar uma forma infalível de ficar com a fortuna de vocês, o que, afinal, é mais do que vocês conseguiram com suas próprias forças." Dito isso, ele seguiu na direção da casa.

"Lembrem-se, órfãos", disse ainda, "vocês podem ter lido mais livros do que eu, mas de nada lhes serviu para que levassem a melhor nesta situação. Vamos, agora me passem esse livro que lhes deu ideias tão formidáveis, e vão cuidar dos serviços que eu determinei para hoje."

Klaus suspirou e cedeu o livro sobre direito nupcial-frase que aqui significa "deu o livro sobre direito nupcial ao conde Olaf mesmo contra a vontade". Começou a acompanhar o conde Olaf até a casa, mas Violet permaneceu imóvel como uma estátua. Ela não prestara atenção na última fala do conde Olaf, farta de saber que se repetiriam os elogios a ele próprio misturados com os insultos e o desprezo de que não os poupava. Ela olhava para a torre, não para o alto, onde sua irmã balançava, mas para toda a sua extensão. Klaus se virou para olhar a irmã e notou algo que não via já fazia

bastante tempo. Para quem não estivesse acostumado a conviver com Violet, não haveria nada que chamasse a atenção por sua estranheza, mas, para aqueles que a conheciam bem, os cabelos amarrados com uma fita para se manterem afastados dos olhos eram um sinal de que as alavancas e engrenagens de seu cérebro inventivo estavam se movendo a todo o vapor.



CAPÍTULO DEZ

Naquela noite, Klaus foi o órfão Baudelaire com o privilégio de dormir decentemente na cama, e Violet foi a órfã Baudelaire que ficou acordada, trabalhando à luz da lua. Durante o dia, os dois irmãos haviam estado ocupados se movimentando pela casa no cumprimento das tarefas que lhes foram determinadas e mal falando um com o outro. Klaus estava cansado e desanimado demais para falar, e Violet se concentrara na área inventiva do seu cérebro, absorvida demais em seus planos para falar. Ao anoitecer, Violet recolheu as cortinas que tinham servido de cama para Sunny e as levou até a porta que dava acesso aos degraus da torre, onde o enorme assistente do conde Olaf, aquele que não parecia nem homem nem mulher, estava montando guarda. Violet lhe perguntou se podia deixar as cobertas com a irmã, para que ela tivesse uma noite mais confortável. A enorme criatura

simplesmente olhou para Violet com seus olhos vazios e balançou a cabeça, despachando-a depois com um gesto silencioso. Violet sabia, é claro, que, apavorada como se achava, Sunny não iria tirar grande consolo daqueles panos, mas o que esperava era poder por alguns instantes abraçá-la e lhe dizer que tudo iria dar certo e terminar bem. Além disso, queria fazer o que se chama de "reconhecimento do local". Fazer o "reconhecimento do local" consiste em observar de terminado lugar com o objetivo de traçar um plano. Por exemplo, se você fosse um assaltante de banco - o que espero que não seja o caso - poderia ir ao banco uns dias antes da data em que planejou realizar o assalto. Talvez usando um disfarce, você daria uma olhada nas instalações e verificaria o número e a posição dos seguranças, das câmeras e de outros obstáculos, para poder planejar como evitar ser capturado ou morto durante a operação.

Violet, uma cidadã respeitadora da lei, não estava planejando assaltar um banco, mas estava planejando resgatar Sunny, e queria dar uma olhada no quarto em que a irmã era mantida prisioneira, para executar seu plano com mais facilidade. Mas parecia que não haveria possibilidade de ela fazer esse reconhecimento. Isso deixou Violet nervosa, e o que ela fez foi voltar para o quarto e sentar no chão junto à janela, para trabalhar silenciosamente em sua invenção.

Violet tinha pouquíssimos materiais com que inventar alguma coisa, e não queria ficar rodando pela casa à procura de outros recursos, por medo de despertar as suspeitas do conde Olaf e sua trupe.

Mas o que tinha era suficiente para construir um aparelho de resgate. Acima da janela havia uma barra de metal resistente, onde antes as cortinas haviam estado penduradas, e Violet a retirou da parede e a trouxe para o chão. Utilizando uma das pedras que Olaf deixara amontoadas num canto do quarto, ela partiu a barra em duas. Então, curvou cada uma das partes em vários ângulos agudos, disso lhe resultando pequenos cortes nas mãos. Depois Violet retirou da parede o quadro em que estava pintado o olho. Na parte de trás do quadro, como é comum encontrar em vários quadros, havia um pedaço pequeno de arame pelo qual ele se prendia no prego. Ela retirou o arame e o usou para juntar as duas partes da barra. Estava pronta uma peça semelhante a uma grande aranha metálica.

Em seguida, ela foi até a caixa de papelão e de lá tirou as roupas mais feias e ordinárias que a sra. Poe comprara, artigos de vestuário que os órfãos Baudelaire seriam incapazes de usar por maior que fosse o seu desespero. Sempre trabalhando depressa e silenciosamente, ela começou a rasgar as roupas em tiras longas e estreitas, e a amarrar essas tiras umas às outras. Entre as muitas habilidades que tinha Violet, estava um vasto conhecimento de tipos diferentes de nós. Nessa ocasião ela usava o nó que é chamado de língua-do-diabo. Um grupo de mulheres piratas finlandesas inventou esse nó há muito tempo, no século XV, e lhe deu o nome de língua-do-diabo porque

envolvia as mais diversas formas de torção, complicadas e misteriosas. A língua-do-diabo era um nó de grande utilidade, e quando Violet juntou as tiras pelas pontas, o resultado foi uma espécie de corda. Enquanto trabalhava, ela se lembrou de algo que seus pais haviam lhe dito quando Klaus nasceu, e de novo quando trouxeram Sunny da maternidade. "Você é a mais velha dos filhos Baudelaire", disseram-lhe, com carinho, mas com firmeza. "E, como a mais velha, será sempre sua responsabilidade olhar por seus irmãos mais novos. Prometa-nos que sempre cuidará deles e não deixará que fiquem em apuros." Violet se lembrou de sua promessa, e pensou em Klaus, cujo machucado no rosto ainda não cicatrizara, e em Sunny, balançando no alto da torre como uma bandeira, e começou a trabalhar 'mais depressa. Apesar de que evidentemente a culpa por esse sofrimento fosse toda do conde Olaf, Violet sentia como se tivesse quebrado a promessa feita aos pais, e jurou que haveria de cumpri-la.

Por fim, aproveitando a maior parte daquelas roupas ordinárias, Violet esperava ter conseguido uma corda com quase dez metros de comprimento. Amarrou uma de suas pontas à aranha de metal e se deteve para avaliar seu trabalho. Ela havia feito o que é chamado de "arpéu", gancho que se usa para escalar os paredões de um edifício, em geral com fins indignos. Valendo-se da ponta de metal para se fixar em alguma coisa no topo da torre, e da corda para poder subir, Violet esperava alcançar o alto da torre, desprender a gaiola de Sunny e fazer a descida de volta. Tratava-se, sem dúvida, de um plano bastante arriscado, não só porque a ação era perigosa, como também porque o arpéu não fora comprado numa loja que vendia esse tipo de coisa. Mas esse arpéu fora tudo o que Violet conseguira construir na falta de um laboratório de invenções adequado, e o tempo estava se esgotando. Ela não havia contado a Klaus sobre o plano, porque não queria lhe dar falsas esperanças, de forma que, sem acordá-lo, pegou seu arpéu e se retirou do quarto na ponta dos pés.



Uma vez fora da casa, Violet percebeu que seu plano era ainda mais difícil do que pensara. A noite estava silenciosa, o que a obrigaria a não fazer praticamente barulho nenhum. Também havia naquela noite uma leve brisa, e quando ela se imaginou balançando ao sabor da brisa, agarrada a uma corda feita de trapos ordinários, quase desistiu inteiramente. E a noite estava escura, o que tornava difícil para ela ver aonde arremessaria o arpéu de modo que o gancho se fixasse em alguma coisa. Mas, apesar dos arrepios que sentia ali em pé, de camisola, Violet sabia que precisava arriscar. Usando sua mão direita, lançou o arpéu com toda a força o mais longe que pôde, e esperou para ver se ele se agarraria a alguma coisa.

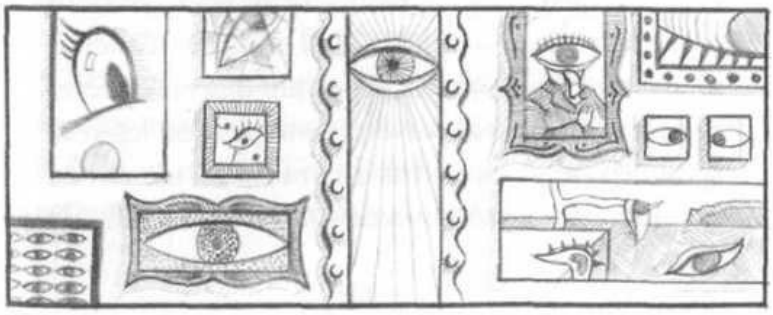
Clang! O gancho fez enorme ruído ao bater na torre, mas não se prendeu a nada e despencou estrondosamente. Com o coração batendo, Violet permaneceu imóvel, imaginando se o conde Olaf ou algum dos seus cúmplices apareceria para investigar. Ninguém apareceu, e, passados alguns momentos, Violet, girando o arpéu acima da cabeça como se fosse um laço de caubói, tentou novo arremesso. Clang! Clang! O arpéu bateu na torre duas vezes e de novo foi parar no chão. Violet esperou mais uma vez, atenta a

qualquer ruído de passos, mas tudo o que ouviu foi o seu sangue pulsando nas veias, aterrorizado. Decidiu fazer uma última tentativa. Clang! O arpéu bateu na torre e voltou a cair, atingindo Violet no ombro com força. Um dos braços do gancho rasgou sua camisola e lhe fez um corte na pele. Mordendo a mão para não gritar de dor, Violet tateou o lugar no ombro onde fora atingida e sentiu que estava molhado de sangue. O braço latejava, dolorido. A essa altura do episódio, se eu fosse Violet, teria desistido, mas bem no momento em que ela já estava a ponto de se virar e entrar na casa, imaginou como Sunny devia estar apavorada, e sem se importar com a dor que sentia no ombro, usou a mão direita para novo arremesso do arpéu.

Clang... O som de clang! habitual se interrompeu na metade, e, à fraca luz da lua, Violet viu que o arpéu não estava caindo. Nervosamente, ela deu um forte puxão na corda, que não cedeu. O arpéu tinha funcionado!

Com os pés apoiados na lateral da torre de pedra e as mãos segurando na corda, Violet fechou os olhos e começou a subir. Sem ousar lançar em momento nenhum um olhar à sua volta, seguiu o impulso de escalar a torre, firmando as mãos, uma após a outra, sempre com o pensamento voltado para a promessa feita aos pais e para as coisas horríveis que o conde Olaf faria se o seu plano asqueroso desse certo. O vento noturno soprava cada vez mais forte enquanto ela subia cada vez mais alto, e várias vezes Violet teve que se deter na escalada quando a corda se deslocava movida pelo vento. Tinha certeza de que a qualquer momento a corda iria se rasgar, ou o gancho se soltaria, e ela seria lançada à morte. Mas, graças aos seus apurados dotes de inventora - a palavra apurados aqui significa “habilidosos” -, tudo funcionou como deveria, e de repente Violet senti u que tocava uma peça metálica em vez de uma corda de pano. Abriu os olhos e viu sua irmã Sunny, que olhava para ela freneticamente e tentava dizer alguma coisa que ultrapassasse a mordaça. Violet chegara ao alto da torre, bem diante da janela em que Sunny se achava presa.

A mais velha dos órfãos Baudelaire estava a ponto de pegar a gaiola de sua irmã e iniciar a descida, quando viu algo que a fez parar. Era a extremidade em forma de aranha do arpéu: agora Violet podia ver onde, em que parte do alto da torre, depois daquelas primeiras tentativas fracassadas, aquela extremidade tinha ido enfim se fixar. Enquanto seguia na sua escalada, Violet imaginara que o gancho do arpéu estaria preso em alguma reentrância na pedra, ou em algum canto da janela, ou talvez num móvel dentro do quarto da torre, e lá se aguentava firme. Mas não foi nada disso que aconteceu. O arpéu de Violet havia se prendido num outro gancho. Num dos ganchos do homem das mãos de gancho. E o outro gancho, Violet viu, estava cintilando ao luar, estendido na direção dela.



CAPÍTULO ONZE

"Mas que prazer tê-la aqui conosco!", disse o homem das mãos de gancho num tom de voz repulsivamente doce. Violet na mesma hora tentou recuar às pressas pela corda, mas o assistente do conde Olaf era ágil demais para ela. Numa única manobra ele a carregou para dentro da torre e, com a outra mão de gancho, ainda deu um puxão na corda que fez despencar aos trambolhões o aparelho por ela inventado para resgatar a irmã. "Fico tão feliz por você estar aqui!", disse o homem das mãos de gancho. "Estava justamente pensando como seria bom ver o seu lindo rostinho. Sente-se."

"O que vai fazer comigo?", perguntou Violet. "Eu disse sente-se!", vociferou o homem das mãos de gancho, e a empurrou para uma cadeira.

Violet deu uma olhada no quarto, pouco iluminado e em absoluta desordem. Tenho certeza de que, no decorrer da vida de vocês, devem ter notado como o quarto das pessoas reflete a personalidade delas. No meu quarto, por exemplo, juntei uma coleção de objetos que são importantes para mim, inclusive um acordeom todo empoeirado em que toco canções tristes, uma série de anotações sobre as atividades dos órfãos Baudelaire, e um retrato meio tremido, tirado há muito tempo, de uma mulher chamada Beatrice. São objetos particularmente queridos e preciosos para mim. No quarto da torre havia objetos que da mesma forma eram queridos e preciosos para o conde Olaf: coisas verdadeiramente terríveis. Tiras de papel, em que ele escrevera seus pensamentos perversos em rabiscos ilegíveis, acumulavam-se em pilhas desordenadas no alto do exemplar de Direito nupcial que tinha tomado de Klaus. Havia umas poucas cadeiras, e algumas velas acesas produziam sombras bruxuleantes ao seu redor. Por todo o chão, viam-se garrafas de vinho vazias e pratos sujos espalhados. Mas, especialmente, desenhos, pinturas e gravuras de olhos, grandes e pequenos, estavam presentes em qualquer canto do quarto: olhos pintados no teto, olhos esboçados no sujo soalho de madeira, olhos pichados no peitoril da janela, e um olho enorme pintado na maçaneta da porta que dava para a escada. Era um lugar terrível.

O homem das mãos de gancho retirou um walkie-talkie de um bolso de seu seboso sobretudo. Com certa dificuldade apertou um botão e esperou um instante. “Chefe, sou eu”, disse. “Sua inocente noivinha acabou de escalar a torre para tentar salvar a fedelha que dá mordidas.” Fez uma pausa enquanto o conde Olaf dizia algo. “Não sei. Com uma espécie de corda.”

“Era um arpéu”, disse Violet, e rasgou uma das mangas de sua camisola a fim de fazer uma atadura para pôr no ombro. “Eu mesma fiz.”

“Ela está dizendo que era um arpéu”, disse o homem das mãos de gancho, falando pelo walkie-talkie. “Não sei, chefe. Certo, chefe. Certo, chefe, claro que eu sei muito bem que ela é sua. Certo, chefe.”

Apertou um botão para desligar, depois se virou para Violet. “O conde Olaf está muito descontente com sua noiva.”

“Não sou noiva dele”, disse Violet asperamente.

“Logo, logo vai ser”, disse o homem das mãos de gancho, fazendo com o gancho um gesto de advertência que a maioria das pessoas faria com o dedo indicador. “Mas, enquanto isso, eu preciso ir pegar seu irmão. Vocês três ficarão trancados neste quarto até anoitecer. Assim, o conde Olaf pode ter certeza de que não causarão nenhum transtorno.” Dito isso, o homem das mãos de gancho se retirou do quarto pisando forte. Violet ouviu quando ele trancou a porta, e em seguida o barulho de seus passos se afastando na escada. Imediatamente correu para junto de Sunny e pôs a mão em sua cabeça. Com medo de suscitar - palavra que aqui quer dizer “provocar” - a cólera do conde Olaf se retirasse a faixa da boca da irmã ou se a livrasse das cordas que a amarravam, Violet passou a mão nos cabelos de Sunny murmurando que estava tudo bem.

Mas é claro que não estava tudo bem. Estava tudo inteiramente péssimo. Com o penetrar das primeiras luzes da manhã no quarto da torre, Violet se pôs a pensar em todas as coisas horríveis por que ela e seus irmãos tinham passado nos últimos tempos. Seus pais morreram súbita e tragicamente. A sra. Poe lhes comprara roupas feias e ordinárias. Eles se mudaram para a casa do conde Olaf e lá eram tratados de maneira terrível. O sr. Poe se recusara a ajudá-los. Eles descobriram um plano maquiavélico do conde, que consistia em se casar com Violet e roubar a fortuna dos Baudelaire. Klaus tentara desmascarar o conde contando-lhe o que ficara sabendo numa consulta à biblioteca da juíza Strauss, e fracassara. A pobre Sunny fora feita prisioneira. E, agora, Violet tentara resgatar Sunny e fora feita prisioneira também. No final das contas, os órfãos Baudelaire tiveram que lidar com catástrofe em cima de catástrofe, e Violet considerava a situação deles lamentavelmente deplorável, expressão que aqui quer dizer que “não era de modo nenhum agradável” a situação deles. O som de passos subindo a escada tirou Violet de seus pensamentos, e logo o homem das mãos de gancho abriu a porta e empurrou para dentro do quarto um Klaus muito cansado, assustado e

confuso.

“Aqui está o órfão que faltava”, disse o homem das mãos de gancho. “E agora preciso ir ajudar o conde Olaf nos últimos preparativos para o espetáculo desta noite. Não me venham com truques e espertezas, vocês dois, ou eu também os amarro e penduro e deixo balançando no lado de fora da janela.” Com um último olhar intenso para eles, tornou a trancar a porta e desceu as escadas pisando forte.

Klaus piscou e olhou o quarto sujo à sua volta. Ainda estava de pijama. “O que foi que aconteceu?”, perguntou a Violet. “Por que nos puseram aqui em cima?”

“Tentei resgatar Sunny”, disse Violet, “usando uma invenção minha para escalar a torre.”

Klaus foi até a janela e olhou para baixo. “É muito alto.”, disse. “Você deve ter ficado apavorada.”

“Dava medo, sim”, ela admitiu, “mas não tanto quanto a ideia de me casar com o conde Olaf.”

“Sinto muito que sua invenção não tenha funcionado”, disse Klaus com tristeza.

“A invenção funcionou perfeitamente”, disse Violet, passando a mão no ombro ferido. “Acontece que fui descoberta e me pegaram. E agora estamos perdidos. O homem das mãos de gancho disse que nos manterá presos aqui até a noite, e aí começa O casamento maravilhoso.”

“Você acha que seria capaz de inventar alguma coisa que nos ajudasse a fugir?”, perguntou Klaus, olhando à sua volta no quarto.

“Talvez”, disse Violet. “Por que não dá uma olhada nesses livros e papéis? Pode ser que haja alguma informação que sirva para nós.”

Nas poucas horas que se seguiram, Violet e Klaus procuraram no quarto e em sua própria mente qualquer coisa capaz de ajudá-los. Violet tentou encontrar objetos com que pudesse inventar algo. Klaus deu uma boa olhada nos papéis e nos livros do conde Olaf. Vez por outra eles iam até Sunny, sorriam para ela e passavam a mão em sua cabeça para tranquilizá-la. Ocasionalmente, Violet e Klaus falavam um com o outro, mas a maior parte do tempo ficavam em silêncio, mergulhados nos próprios pensamentos.

“Se tivéssemos querosene”, disse Violet por volta de meio-dia, “eu poderia fabricar coquetéis molotov com essas garrafas.”

“O que são coquetéis molotov?”, perguntou Klaus.

“São pequenas bombas preparadas dentro de garrafas”, explicou Violet.

“Poderíamos jogá-las pela janela e atrair a atenção de quem estivesse passando perto daqui.”

“Mas não temos querosene”, disse Klaus melancolicamente. Ficaram em silêncio algumas horas.

“Se fôssemos polígamos”, disse Klaus, “o plano do conde Olaf não funcionaria.”

“Polígamos são o quê?”, perguntou Violet.

“Polígamos são pessoas que casam com mais de uma pessoa”, explicou Klaus.

“Nesta comunidade, os polígamos não têm apoio da lei, nem mesmo se casarem em presença de um juiz, disserem ‘sim’ e assinarem o documento por seu próprio punho. Li isso aqui no Direito Nupcial”

“Mas não somos polígamos”, disse Violet melancolicamente. Ficaram em silêncio mais algumas horas.

“Poderíamos quebrar essas garrafas ao meio”, disse Violet, “e usá-las como facas, mas fico com medo de que a trupe do conde Olaf nos vença pela força.”

“Você poderia dizer ‘não’ em vez de ‘sim”, disse Klaus, “mas fico com medo de que o conde Olaf mande jogar Sunny torre abaixo.”

“É o que eu faria, sem a menor dúvida”, disse o conde Olaf, provocando um sobressalto nas crianças. Elas estavam tão envolvidas na conversa que nem o ouviram subir a escada e abrir a porta. Vestia uma roupa extravagante, e sua sobrancelha havia sido encerada para parecer tão brilhante quanto seus olhos. Atrás dele se postava o homem das mãos de gancho, que sorriu e acenou para os garotos com um dos ganchos.

“Vamos, órfãos”, disse o conde Olaf. “Chegou o grande momento. Meu colega aqui vai ficar neste quarto, mantendo contato permanente pelos nossos walkie-talkies. Se alguma coisa não sair bem no espetáculo desta noite, sua irmã será jogada para a morte. Andem, vamos.”

Violet e Klaus olharam um para o outro, depois para Sunny, que continuava balançando em sua gaiola, e saíram atrás do conde Olaf. Enquanto descia os degraus da torre, Klaus sentiu um peso no coração, produzido pela mais absoluta falta de esperança. Não parecia de fato haver nenhuma saída para aquela enrascada. Violet sentia o mesmo, até o momento em que estendeu a mão direita para se apoiar no corrimão. Olhou um instante para sua mão direita e começou a pensar. Durante a descida da escada, a saída pela porta da rua e a breve caminhada pelo quarteirão até o teatro, Violet pensou, pensou, pensou, no maior esforço de concentração de toda a sua vida.



CAPÍTULO DOZE

Quando Violet e Klaus Baudelaire se viram de camisola e pijama nos bastidores do teatro do conde Olaf, sentiram-se divididos, frase que aqui quer dizer que "sentiram duas coisas diferentes ao mesmo tempo". Por um lado, é claro que estavam cheios de pavor. Pelo murmúrio de vozes que vinha do palco, os dois órfãos Baudelaire podiam concluir que a apresentação de O casamento maravilhoso havia se iniciado, e a essa altura parecia tarde demais para tentar de alguma forma frustrar o plano do conde Olaf. Por outro lado, entretanto, estavam fascinados, pois como nunca tinham estado nos bastidores de um teatro durante um espetáculo, não sabiam que havia tanta coisa para ver. Os membros da trupe do conde Olaf corriam de um lado para

outro, numa atividade incessante que não lhes dava tempo sequer de dirigir um olhar às crianças. Três homens muito baixos carregavam uma grande prancha de madeira onde fora pintado um cenário representando uma sala de estar. As duas mulheres de rosto branco arrumavam flores num vaso que de longe parecia ser de mármore mas que na verdade era de papelão. Um homem com jeito de importante, coberto de verrugas na cara, ajustava os enormes focos de iluminação. Dando uma espiada no palco, as crianças puderam ver o conde Olaf, em seu figurino extravagante, declamando uma fala da peça, pouco antes de baixar a cortina, a qual era controlada por uma mulher de cabelos muito curtos que puxava uma corda comprida ligada a uma roldana. Como vocês podem ver, os dois Baudelaire mais velhos, apesar de todo o medo, estavam muito interessados no que acontecia, pensando apenas como seria bom se não tivessem nenhum envolvimento com aquela situação. Quando a cortina desceu, o conde Olaf se retirou do palco com passadas largas e olhou para as crianças. "É o fim do segundo ato! Por que os órfãos ainda não estão prontos para entrar em cena?", Sussurrou ele para as mulheres de rosto branco. Em seguida, quando a plateia prorrompeu em aplausos, sua expressão de zanga se transformou numa de alegria, e ele voltou ao palco. Com gestos dirigidos à mulher de cabelos curtos para que levantasse a cortina, ele deu suas passadas largas até o centro exato do palco e fez duas refinadas mesuras para agradecer ao público tão logo a cortina se ergueu. Acenava e atirava beijos para a plateia enquanto a cortina voltava a baixar, e então mais uma vez seu rosto se encheu de indignação. "O intervalo dura só dez minutos", disse, "e as crianças têm que entrar em cena. Tratem de vesti-las, rápido!" Sem dizer nada, as duas mulheres de rosto branco seguraram Violet e Klaus pelos pulsos e os levaram a um vestiário. A sala era empoeirada mas coberta de espelhos e pequenas lâmpadas para que os atores pudessem se ver direito quando fizessem a maquiagem e pusessem a peruca, e lá as pessoas ficavam chamando umas às outras, e rindo muito enquanto trocavam de roupa. Uma das mulheres de rosto branco puxou os braços de Violet para cima a fim de tirar sua camisola e lhe entregou um vestido branco de rendinhas, muito sujo. Enquanto isso, a outra mulher de rosto branco havia despido Klaus de seu pijama e mais que depressa botara no menino uma roupa azul de marinheiro que pinicava seu corpo e lhe dava a aparência de criança que acabou de aprender a andar.

"Não é emocionante?", disse uma voz, e quando as crianças se voltaram, viram a juíza Strauss, pomposamente vestida com uma toga e usando uma peruca empoada. Ela segurava um livrinho. "Crianças, vocês estão fantásticas!"

"A senhora também", disse Klaus. "Que livro é esse?"

"Ora, essas são as minhas falas", disse a juíza Strauss. "O conde Olaf pediu que eu trouxesse um livro jurídico e lesse o texto autêntico da cerimônia de casamento, 'para dar à peça um tom absolutamente realista. Tudo o que você tem para dizer, Violet, é 'sim', mas eu tenho que fazer um

discurso e tanto. Vai ser bem divertido."

"Sabe o que seria bem divertido mesmo?", disse Violet com cuidado. "A senhora trocar as falas aqui e ali, pouca coisa."

O rosto de Klaus se iluminou. "É, juíza Strauss. A senhora pode ser criativa. Não há razão para seguir à risca a cerimônia. Não se trata de um casamento de verdade." A juíza Strauss franziu a testa. "Não sei, não, crianças. Acho melhor seguir as instruções do conde Olaf. Afinal, o responsável é ele."

"Juíza Strauss, chamou uma voz. Juíza Strauss. Por favor, compareça para a maquiagem!"

"Ih, meu Deus! Preciso ir fazer maquiagem!" A juíza Strauss tinha uma expressão sonhadora, como se estivesse para ser coroada rainha, e não apenas para receber algumas camadas de pó e cremes no rosto. "Crianças, agora tenho que ir. Nós nos vemos no palco, meus queridos!"

A juíza saiu correndo, enquanto as mulheres de rosto branco terminavam de arrumar as crianças. Uma delas pôs uma grinalda florida nos cabelos de Violet, que nesse momento se deu conta, horrorizada, de que estava vestida de noiva. A outra pôs um boné de marinheiro em Klaus, que se olhou num dos espelhos e ficou arrasado ao constatar como estava feio. Seus olhos encontraram os de Violet, que também se mirava no espelho.

"O que podemos fazer?", disse Klaus bem baixinho. "Fingir que estamos doentes? Talvez cancelassem o espetáculo."

"O conde Olaf perceberia que era mentira", replicou Violet melancolicamente.

"Vai começar o terceiro ato de O casamento maravilhoso de Ivon Cult!", gritou um homem que segurava uma prancheta. "Por favor, vão todos para os seus lugares no palco!"

Os atores saíram às pressas do vestiário, e as mulheres de rosto branco agarraram as crianças e as empurraram para que seguissem os demais. Os bastidores se converteram num completo pandemônio _ expressão que aqui quer dizer "lugar em que atores e auxiliares de cena correm em todas as direções para resolver detalhes de última hora." O careca de nariz comprido andou rápido ao lado das crianças, depois parou de repente, olhou para Violet em seu vestido de noiva e sorriu com sarcasmo.

"Nada de gracinhas, hein!?", disse para os dois, levantando um dedo ossudo. Lembrem-se: quando entrarem em cena, façam exatamente o que devem fazer. O conde Olaf estará com o walkie-talkie na mão durante todo o ato, e se vocês fizerem uma única coisa diferente do combinado, ele liga na mesma hora para onde está Sunny."

"Já sei, já sei", disse Klaus penosamente. Estava cansado de ser ameaçado

do mesmo modo tantas vezes seguidas.

"Pois tratem de fazer exatamente como foi combinado", tornou a dizer o homem.

"Tenho certeza de que assim farão", disse uma voz de repente, e quando as crianças se voltaram, viram o sr. Poe, em trajes muito formais e acompanhado de sua mulher. Ele sorriu para as crianças e se aproximou a fim de apertar-lhes a mão. "Polly e eu queríamos só dizer a vocês que quebrem a perna."

"Quê?", disse Klaus, chocado.

"É uma expressão que se usa em teatro", explicou o sr. Poe, "com o sentido de 'boa sorte no espetáculo desta noite3'. Fico feliz de ver que vocês se adaptaram à vida com seu novo pai e que participam de atividades familiares."

"Sr. Poe", disse Klaus rapidamente. "Violet e eu temos uma coisa importante para lhe dizer. É muito importante."

"O que?", disse o sr. Poe.

"Pois é", interrompeu o conde Olaf, "o que é que vocês têm para dizer ao sr. Poe, crianças?"

O conde Olaf havia surgido como num passe de mágica, e seus olhos brilhantes encaravam significativamente as crianças. Numa das mãos, Violet e Klaus puderam ver que ele segurava um walkie-talkie.

"Só queríamos lhe dizer que agradecemos muito tudo o que o senhor fez por nós, sr. Poe", disse Klaus sem muita firmeza. "Era tudo o que queríamos dizer."

"Está certo, está certo", disse o sr. Poe, dando uma palmadinha nas costas do menino. "Bom, está na hora de Polly e eu irmos para os nossos lugares. Quebrem a perna, jovens Baudelaire!"

"Ah, bem que eu poderia quebrar uma perna!", sussurrou Klaus para Violet, e o sr. Poe se retirou.

"Podem deixar que isso não tardará a acontecer", disse o conde Olaf, empurrando as duas crianças para o palco. Outros atores se movimentavam agitada e confusamente, procurando seus lugares no terceiro ato, e a juíza Strauss se recolhera a um canto, treinando suas falas lidas no livro jurídico. Klaus deu uma olhada à sua volta no palco, para ver se encontrava ali alguém que pudesse ajudar. O careca de nariz comprido pegou Klaus pela mão e o afastou para o lado.

"Você e eu não arredaremos pé daqui o tempo que durar o ato. Isso significa do começo ao fim."

"Eu sei o significado da expressão 'o tempo que durar", disse Klaus.

“Nada de inventar bobagens”, disse o careca. Klaus ficou olhando sua irmã vestida de noiva tomar lugar ao lado do conde Olaf quando subiu a cortina. Depois ouviu os aplausos da plateia quando se iniciou o terceiro ato de O casamento maravilhoso. Não vejo no que pode interessar a vocês a descrição do enredo dessa insípida - a palavra insípida aqui quer dizer “chata e boba” - peça escrita por Ivon Cult, porque era uma peça de amargar e sem importância real para a nossa história. Vários atores e atrizes travavam diálogos dos mais chatos e se deslocavam incessantemente no espaço da cena, enquanto Klaus procurava trocar olhares com cada um deles, tentando de algum modo pedir ajuda. Logo se deu conta de que aquela peça devia ter sido escolhida só como pretexto para o perverso plano de Olaf, e não por seu valor como entretenimento, já que era visível a perda de interesse do público, que se mexia mais e mais nas poltronas. Klaus voltou sua atenção para a plateia a fim de ver se alguém seria capaz de captar que havia uma trama secreta por trás das aparências, mas a maneira como o homem das verrugas na cara dispusera as luzes impediu Klaus de distinguir os rostos no auditório, permitindo-lhe apenas perceber o contorno das pessoas na plateia. O conde Olaf tinha um grande número de falas muito longas, que ele interpretou com gestos e expressões faciais grandiloquentes. Ninguém pareceu ter notado que ele segurava o tempo todo um walkie-talkie.

Por fim, ajuíza Strauss começou a falar, e Klaus viu que ela estava lendo diretamente do livro jurídico. A juíza tinha os olhos cintilantes e o rosto afogueado ao atuar no palco pela primeira vez, a magia da presença em cena tirando-lhe qualquer capacidade de perceber que estava sendo usada para o plano de Olaf. Ela falava e falava sobre Olaf e Violet se amarem na doença e na saúde, nos tempos favoráveis e nos tempos adversos, e todas aquelas coisas que se dizem às muitas pessoas que, por um motivo ou outro, decidem se casar.

Quando terminou seu discurso, ajuíza Strauss se virou para o conde Olaf e perguntou: “Aceita esta mulher como sua legítima esposa?”.

“Sim”, disse o conde Olaf, sorrindo. Klaus viu Violet estremecer.

“E você”, disse ajuíza Strauss, virando-se para Violet, “aceita este homem como seu legítimo esposo?”

“Sim”, disse Violet. Klaus cerrou os punhos. Sua irmã havia dito “sim” na presença de um juiz. Assim que ela assinasse o documento oficial, o casamento seria legalmente válido. E agora Klaus podia ver a juíza Strauss tomando o documento das mãos de um dos outros atores e estendendo-o a Violet para que o assinasse.

“Não faça nenhum movimento”, murmurou o careca para Klaus, e Klaus pensou na pobre Sunny, balançando no alto da torre, e ficou imóvel enquanto via Violet receber uma longa pena das mãos do conde Olaf. Os olhos de Violet estavam arregalados quando ela os dirigiu para o documento, o rosto

estava pálido, e sua mão esquerda tremia quando assinou seu nome.



CAPÍTULO TREZE

"E agora, senhoras e senhores", disse o conde Olaf, avançando um passo para se dirigir ao público, "tenho uma comunicação a fazer. Não há motivo para continuar o espetáculo desta noite, pois o seu objetivo foi alcançado. Esta não foi uma cena de ficção. Meu casamento com Violet Baudelaire é perfeitamente legal, e agora tenho o controle absoluto de sua fortuna."

Da plateia partiram exclamações de espanto, e alguns dos atores se entreolharam, chocados. Ninguém, aparentemente, sabia do plano de Olaf. "Isso não pode ser!", gritou a juíza Strauss.

"As leis que regem o casamento nesta comunidade são bem simples", disse o conde Olaf. "A noiva só precisa dizer 'sim' na presença de um juiz como a senhora e assinar um documento explanatório. E todos vocês", aqui o conde Olaf estendeu o braço para a plateia, "foram testemunhas."

"Mas Violet não passa de uma criança!", disse um dos atores. "Ela não tem idade suficiente para se casar."

"Tem, se o seu tutor legal lhe der autorização", disse o conde Olaf, "e eu sou o seu tutor legal, além de ser seu marido."

"Mas esse pedaço de papel não é um documento oficial!", disse a juíza Strauss.

"É apenas um acessório cênico!"

O conde Olaf tomou o papel da mão de Violet e o entregou à juíza Strauss. "Se prestar bem atenção, verá que é um documento oficial da Prefeitura." A juíza Strauss pegou o documento e o leu rapidamente. Em seguida, cerrando os olhos, deu um profundo suspiro, franziu a testa e se pôs a pensar, muito concentrada. Klaus olhou para ela e ficou imaginando se era essa a expressão que o rosto da juíza Strauss assumia quando ela julgava na Suprema Corte. "Você tem razão", disse, por fim, ao conde Olaf, "este

casamento, infelizmente, é de todo legal. Violet disse 'sim' e assinou seu nome aqui no documento. Conde Olaf, você é o marido de Violet, e, por conseguinte, tem o controle absoluto de seu patrimônio."

"Isso não pode ser!", disse uma voz da plateia, que Klaus reconheceu como sendo a voz do sr. Poe. Ele subiu correndo os degraus para o palco e tomou o documento da juíza Strauss. "É um terrível contra-senso!"

"Lamento, mas esse terrível contra-senso tem apoio na lei", disse a juíza Strauss. Seus olhos se encheram de lágrimas. "Não posso acreditar que tenha sido enganada tão facilmente. Eu jamais faria nada que pudesse prejudicar suas crianças. Jamais."

"Foi muito fácil enganá-la', disse o conde Olaf com um sorriso maldoso, e a juíza começou a chorar. "Foi brincadeira de criança me apropriar dessa fortuna. E agora, se me dão licença, minha noiva e eu temos que ir para casa, afinal é a nossa noite de núpcias."

"Primeiro tem que soltar Sunny!", esbravejou Klaus. "Você prometeu soltá-la."

"Onde está Sunny?", perguntou o sr. Poe.

"Está que não tem para onde se virar neste momento", disse o conde Olaf, "se me perdoam o gracejo." Seus olhos brilhavam ao apertar botões no walkie-talkie e esperar que o homem das mãos de gancho respondesse ao chamado. "Alô? É claro que sou eu, seu idiota. Tudo correu como combinado. Por favor, tire Sunny da gaiola e venha com ela diretamente para o teatro. Klaus e Sunny têm algumas tarefas para fazer antes de deitar." O conde Olaf dirigiu um olhar penetrante a Klaus. "Está satisfeito agora, perguntou.

"Sim", disse Klaus mansamente. Não estava satisfeito coisíssima nenhuma, é claro, mas pelo menos sua irmã caçula já não estava pendurada numa torre.

"Não pense que está livre", o careca sussurrou para Klaus. "O conde Olaf cuidará de você e de suas irmãs mais tarde. Ele não quer fazer isso na frente de todas essas pessoas." Não foi preciso que explicasse a Klaus o que queria dizer com "cuidar".

"Bem, quanto a mim, não estou nem um pouco satisfeito", disse o sr. Poe. "Tudo isto é absolutamente horrendo, completamente monstruoso. Financeiramente, é um desastre."

"Pois é, mas tudo foi feito de acordo com alei", disse o conde Olaf. "Amanhã, sr. Poe, irei ao banco e retirarei toda a fortuna dos Baudelaire." O sr. Poe abriu a boca como se fosse dizer alguma coisa, mas, em vez disso, começou a tossir. Tossiu por vários segundos num lenço, enquanto todos esperavam.

“Não permitirei tal coisa’, disse por fim o sr. Poe, forçando a garganta e limpando a boca.

“Não permitirei de maneira nenhuma.”

“Lamento, mas não terá outro jeito”, respondeu-lhe o conde Olaf.

“Eu... sinto muito, mas Olaf tem razão”, disse a juíza Strauss com os olhos marejados. “Este casamento está de acordo com a lei.”

“Desculpe”, disse Violet de repente, “mas a juíza pode estar enganada.” Todos se viraram a fim de olhar para a mais velha dos órfãos Baudelaire.

“O que disse, condessa?”, perguntou Olaf.

“Não sou sua condessa”, disse Violet, irascível, palavra que aqui quer dizer “num tom de extrema irritação”. “Pelo menos não acho que seja.”

“E por que não?”, quis saber o conde Olaf.

“Não assinei o documento pelo meu próprio punho, como a lei determina”, disse Violet.

“O que quer dizer com isso? Todos aqui vimos!” A sobrancelha tipo duas-em-uma do conde Olaf estava começando a se erguer de raiva.

“Acho que seu marido está com a razão, querida”, disse a juíza Strauss tristemente. “Não adianta querer negar. As testemunhas são muitas.”

“Como a maioria das pessoas”, disse Violet, “eu sou destra. Mas assinei o documento com a mão esquerda.”

“Quê?”, gritou o conde Olaf. Arrancou o papel das mãos da juíza Strauss e o examinou. Seus olhos brilhavam mais do que nunca. “Você é uma mentirosa!”, rosnou para Violet.

“Não, não é”, disse Klaus, animando-se. “Eu estou lembrado, porque reparei que sua mão esquerda tremia no momento em que ela assinou seu nome.”

“É impossível provar”, disse o conde Olaf.

“Se quiser”, disse Violet, “com o maior prazer assino meu nome outra vez, numa outra folha de papel, com a mão direita e depois com a esquerda. Aí, basta ver com qual das duas assinaturas a que está no documento se parece mais.”

“Um pequeno detalhe como esse - com que mão você costumava assinar - não tem a mínima importância”, disse o conde Olaf.

“Se me permite, caro senhor”, disse o sr. Poe, “gostaria que essa decisão ficasse a cargo da juíza Strauss.”

Todos olharam para a juíza Strauss, que estava enxugando a última de suas lágrimas.

“Deixem-me ver”, disse ela tranquilamente, e tornou a fechar os olhos. Deu um suspiro profundo, e os órfãos Baudelaire, assim como todos os que gostavam deles, prenderam a respiração enquanto ajuíza Strauss franzia a testa e refletia sobre o assunto com a máxima concentração. Por fim, ela sorriu. “Se, de fato, Violet é destra”, disse, medindo cada palavra, “e assinou o documento com sua mão esquerda, disso resulta que a assinatura não preenche os requisitos das leis nupciais. A lei determina claramente que a noiva assine o documento por seu próprio punho. Portanto, podemos concluir que este casamento é inválido. Violet, você não é uma condessa, e, conde Olaf, você não tem controle sobre a fortuna dos Baudelaire.”

“Viva!”, gritou uma voz da plateia, e várias pessoas aplaudiram. A não ser que entre vocês leitores, haja algum advogado, imagino como não deverá lhes parecer estranho que o plano do conde Olaf tivesse sido derrotado pelo fato de Violet assinar com a mão esquerda em vez da direita. Mas a lei é uma coisa estranha. Por exemplo, determinado país na Europa tem uma lei que exige de todos os padeiros que vendam pão pelo mesmo preço. Certa ilha tem uma lei que não permite a ninguém levar as frutas locais para o exterior. E uma cidade, não muito longe de onde vocês moram, tem uma lei que me proíbe passar a menos de oito quilômetros de distância das suas fronteiras. Se Violet houvesse assinado o contrato de casamento com a mão direita, a lei teria feito dela urna desgraçada condessa, mas, porque o assinou com a esquerda, continuou sendo, para seu alívio, urna desgraçada órfã.

O que era uma boa notícia para Violet e seus irmãos, evidentemente era urna péssima notícia para o conde Olaf. No entanto, ele se limitou a dirigir a todos um sorriso petrificado. “Neste caso”, disse a Violet, apertando um botão no walkie-talkie, “ou você se casa de novo comigo amanhã, e desta vez da maneira correta, ou eu...”

“Nipo!” A voz inconfundível de Sunny se sobrepôs à do conde Olaf, enquanto ela subia titubeante ao palco na direção de seus irmãos. O homem das mãos de gancho vinha logo atrás dela, com seu walkie-talkie emitindo zumbidos e estalidos. O conde Olaf agira tarde demais.

“Sunny! Você está salva!”, gritou Klaus, e a beijou. Violet correu para junto deles, e os dois Baudelaire mais velhos fizeram festa para a caçula.

“Alguém, por favor, traga alguma coisa para ela comer”, disse Violet. “Ela deve estar com muita fome, depois de ter ficado pendurada numa janela todo esse tempo.

“Bolo!”, gritou Sunny.

“Urrr!”, rugiu o conde Olaf. Começou a caminhar de um lado para outro corno um animal enjaulado, detendo-se apenas para apontar um dedo para Violet. “Você pode não ser minha mulher”, disse, “mas continua sendo minha filha, e...”

“O senhor acha mesmo”, disse o sr. Poe com exasperação na voz, que eu vou permitir que continue cuidando dessas três crianças, depois da fraude a que assisti aqui esta noite?”

“Os órfãos são meus”, insistiu o conde Olaf, “e comigo permanecerão. Não há nada de ilegal e mal em tentar casar-se com alguém.

“Mas certamente há algo de ilegal em pendurar uma criancinha na janela de uma torre”, disse a juíza Strauss na maior indignação. “O senhor, conde Olaf, irá para a cadeia, as três crianças irão morar comigo.”

“Prendam-no!”, disse urna voz na plateia, e outras se juntaram a ela.

“Levem-no para a cadeia!”

“É um homem malvado!”

“E devolva o nosso dinheiro! A peça é urna porcaria!” O sr. Poe segurou o conde Olaf pelo braço e, após um breve acesso de tosse, anunciou com voz áspera: Prendo-o em nome da lei .

“Oh, juíza Strauss!”, disse Violet. “É mesmo verdade o que a senhora disse?

Podemos ir morar com a senhora?”

“Claro que é verdade”, disse ajuíza Strauss. “Gosto muito de vocês, crianças, e me sinto responsável por sua felicidade.” .

“Vamos poder usar a sua biblioteca todo dia?”, perguntou Klaus.

“Vamos poder trabalhar no jardim?”, perguntou Violet.

“Bolo!”, tornou a gritar Sunny, e todos riram.

Nesta altura de nossa história, sinto-me obrigado a interrompê-la para lhes dar um último aviso. Como eu disse no comecinho, este livro que está na mão de vocês não termina com um final feliz. Pode parecer, pelo que acabaram de ler, que o conde Olaf vai para a cadeia e que os três jovens Baudelaire vão viver felizes para sempre com ajuíza Strauss, mas não é assim. Se preferirem, podem fechar o livro imediatamente e não ler o desfecho infeliz que se segue. Vocês podem passar o resto da vida acreditando que os Baudelaire triunfaram sobre o conde Olaf e viveram o resto da vida deles na casa e na biblioteca da juíza Strauss, mas não é assim que a história continua. Pois, quando estavam todos rindo do grito de Sunny pedindo bolo, o homem com jeito de importante e cheio de verrugas na cara se esgueirou para os controles de iluminação do teatro. Num piscar de olhos, o homem puxou a alavanca principal, de modo que todas as luzes se apagaram e todo mundo ficou no escuro. O instante seguinte desencadeou um pandemônio, com as pessoas correndo de um lado para outro, aos gritos, uma chamando pela outra. Os atores tropeçavam no público. O público tropeçava nos acessórios do cenário. O sr. Poe agarrou sua mulher, pensando que fosse o conde Olaf. Klaus

agarrou Sunny e a levantou o mais alto que pôde, para que ela não se machucasse. Mas Violet percebeu na mesma hora o que havia acontecido, e foi se dirigindo com todo o cuidado para onde ela se lembrava que estavam os controles de luz. Durante a apresentação da peça, Violet observara atentamente aqueles controles, fazendo um registro mental dos aparelhos para o caso de eles poderem ser utilizados em alguma invenção. Tinha certeza de que, se encontrasse a alavanca, saberia restabelecer a iluminação interrompida. Com os braços estendidos para a frente como se fosse cega, Violet foi abrindo caminho através do palco, em passos cautelosos para não esbarrar nos móveis nem nos atores sobressaltados. Na escuridão, Violet mais parecia um fantasma, com seu vestido de noiva branco se deslocando lentamente pelo palco. Até que, assim que chegou onde se achava a alavanca, Violet sentiu alguém tocar em seu ombro. Um vulto se inclinou para sussurrar-lhe no ouvido.

"Ainda que seja a última coisa que eu faça, hei de ficar com a sua fortuna', zumbiu a voz. "E quando tiver conseguido isso, vou matá-los, os três, com as minhas próprias mãos."

Violet deu um grito abafado de terror, mas puxou a alavanca. O teatro inteiro se inundou de luz. Todos piscaram e olharam em torno. O sr. Poe soltou o braço de sua mulher. Klaus pôs Sunny no chão. Mas não havia ninguém tocando no ombro de Violet. O conde Olaf sumira.

"Para onde ele foi?", gritou o sr. Poe. "Para onde foram todos eles?" Os jovens Baudelaire olharam em volta e viram que não só o conde Olaf havia desaparecido, mas seus cúmplices - o homem das verrugas na cara, o homem das mãos de gancho, o careca de nariz comprido, a pessoa enorme que não parecia nem homem nem mulher e as duas mulheres de rosto branco - também haviam desaparecido com ele.

"Devem ter corrido para fora', disse Klaus, "enquanto ainda estava escuro." O sr. Poe foi na frente para a saída do teatro, e a juíza Strauss e os meninos o seguiram. Viram que, bem ao longe, mas bem ao longe mesmo, no final do quarteirão, um carro preto do tamanho de uma limusine se afastava para dentro da noite. Talvez estivessem nele o conde Olaf e seus colegas. Talvez não. Em todo caso, o carro virou uma esquina e desapareceu na cidade escura enquanto as crianças assistiam sem dizer nada.

"Droga!", disse o sr. Poe. "Eles se foram. Mas não se preocupem, meninos, nós iremos pegá-los. Vou ligar para a polícia imediatamente." Violet, Klaus e Sunny se entreolharam; sabiam que não seria tão simples como o sr. Poe dizia. O conde Olaf trataria de ficar longe enquanto planejava seu próximo movimento. Era esperto demais para se deixar apanhar por pessoas como o sr. Poe.

"Bem, vamos para casa, garotada, disse ajuíza Strauss. "Vamos deixar

para nos preocupar com isso amanhã, depois que eu tiver preparado um bom café da manhã para vocês."

O sr. Poe tossiu. "Esperem um minuto", disse ele, baixando os olhos para o chão.

"Lamento dizer lhes isto, meninos, mas não posso permitir que sejam criados por alguém que não é parente de vocês."

"Quê!?", exclamou Violet. "Depois de tudo o que a juíza Strauss fez por nós?"

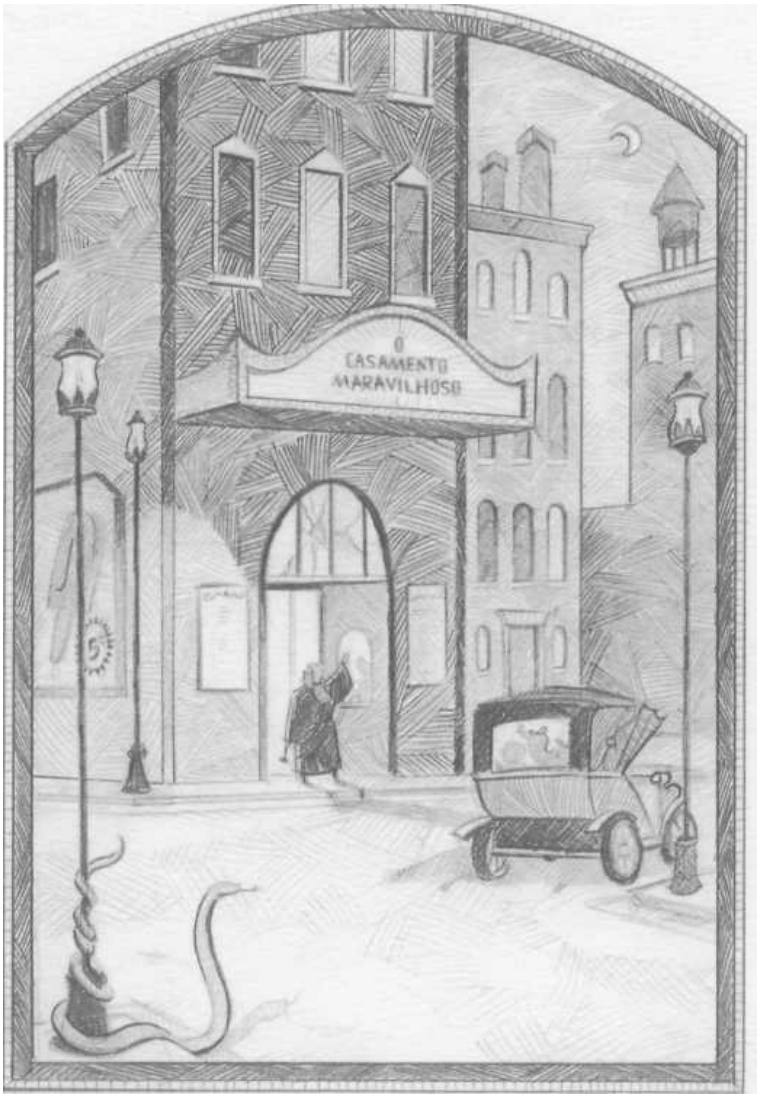
"Nunca teríamos descoberto o plano do conde Olaf sem ela e a sua biblioteca", disse Klaus. "Sem "a juíza Strauss, teríamos perdido a vida."

"Não discuto isso", disse o sr. Poe, "e agradeço à juíza Strauss por sua generosidade, mas o testamento de seus pais é bem explícito. Vocês têm que ser adotados por um parente. Hoje ficarão comigo em minha casa, e amanhã irei ao banco e resolverei o que fazer com vocês. Desculpem, mas é como tem que ser. As crianças olharam para ajuíza Strauss, que deu um suspiro profundo e beijou os jovens Baudelaire, um por um. "O sr. Poe tem razão", disse ela tristemente. "Ele deve respeitar a vontade de seus pais. Vocês não querem fazer o que seus pais queriam, crianças?"

Violet, Klaus e Sunny visualizaram seus pais tão amados, e desejaram mais do que nunca que o incêndio não houvesse ocorrido. Nunca, mas nunca mesmo, tinham se sentido tão sós. Queriam demais morar com aquela mulher bondosa e generosa, mas sabiam que isso simplesmente não poderia acontecer. "Acho que tem razão, juíza Strauss", disse Violet por fim. "Vamos sentir muita saudade da senhora."

"E eu também vou sentir muita saudade de vocês", disse ela, com os olhos mais uma vez marejados. Depois, cada um deu um último beijo na juíza Strauss, e seguiram o sr. e a sra. Poe até o carro. Os órfãos Baudelaire se amontoaram no banco de trás e olharam pela janela traseira para ajuíza Strauss, que chorava e acenava para eles. Diante deles estavam as ruas escuras por onde o conde Olaf escapara para armar novas falcatruas. Atrás ficara a bondosa juíza, que tanto interesse havia demonstrado pelas três crianças. Para Violet, Klaus e Sunny, parecia que o sr. Poe e a lei estavam errados em sua decisão de afastá-los da possibilidade de uma vida feliz com a juíza Strauss, encaminhando-os para um futuro desconhecido na companhia de algum parente desconhecido. Não compreendiam por que devia ser assim, mas, como ocorre com tantos acontecimentos infelizes na vida, o fato de não compreendermos uma coisa não significa que ela seja menos real. Os Baudelaire ficaram bem juntinhos para enfrentar o ar frio da noite, e continuaram acenando pela janela traseira. O carro foi se afastando mais e mais, até ajuíza Strauss se tornar um pouquinho de nada na escuridão, e a impressão que ficou nos garotos foi de que o rumo que sua vida ia tomando era uma aberração, frase que aqui quer dizer "não tinha o menor sentido e

traria muito desgosto”.


O
CASAMENTO
MARAVILHOSO

Ao Meu Amável Editor,

Escrevo-lhe da sede londrina da Sociedade Herpetológica, onde estou tentando descobrir o que aconteceu com a coleção de répteis do dr. Montgomery Montgomery após os trágicos acontecimentos ocorridos quando os órfãos Baudelaire se achavam sob sua guarda.

Um de meus colegas porá uma pequena caixa à prova d'água na cabine telefônica do Hotel Elektra às onze da noite, na próxima terça-feira. Retire-a, por favor, antes da meia-noite, para evitar que caia em mãos erradas. Na caixa encontrará minha descrição desses terríveis acontecimentos, intitulada A Sala dos Répteis, bem como um mapa do Mau Caminho, uma cópia do filme Zumbis na neve e a receita do dr. Montgomery para o bolo com creme de coco. Consegui também localizar um dos poucos retratos do dr. Lucafont, para servir de ajuda às ilustrações do sr. Helquist. Lembre-se, o senhor é minha última esperança de que as histórias dos órfãos Baudelaire sejam finalmente contadas ao grande público.

Respeitosamente,



Lemony Snicket

Notas

[←1]

Pronuncia-se “Bodler”, com e tônico e aberto como em “mulher”. (N. T.)

[←2]

Justice pode, de fato, ser “Justiça” (como Klaus achou que fosse). Mas é também o título usado na Inglaterra e nos Estados Unidos para designar Juiz da Suprema Corte”. (N. T)

[←3]

No Brasil, seguindo uma tradição francesa, o termo usado para desejar boa sorte aos atores é merda!. (N.T.)